



FLORBELA ESPANCA

\* 08/12/1894 Vila Viçosa + 08/12/1930 – Matosinho (36 anos) – Portugal

Florbela de Alma da Conceição, aos sete anos, faz seu primeiro poema, **A Vida e a Morte**.

Foi uma das primeiras mulheres a ingressar no curso secundário no Liceu de Évora, fato não muito bem aceito por professores e a sociedade da época. Em 1916, Florbela reúne uma coletânea de 88 poemas de sua autoria e três contos, com o título “**Trocando Olhares**”.

Em 1917, completa o 11 ano do Curso Complementar de Letras e logo ingressa na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa.

Em 1927 Florbela perde seu irmão **Apeles** num trágico acidente, fato que muito a abalou psicologicamente, publicando o livro de contos “**Às Máscaras do Destino**” em sua memória.

Em 1930 02 de dezembro, Florbela encerra seu **Diário do Último Ano** com a seguinte frase: “... e não haver gestos novos nem palavras novas.”

Às duas horas do dia 08/12/1930, dia do seu aniversário, Florbela Espanca suicida-se, em Matosinhos. Algumas décadas mais tarde como era seu desejo, os seus restos mortais são transportados para a sua terra natal, Vila Viçosa.



## Biografia

<http://www.jornaldepoesia.jor.br/flor.html#bio>

Poetisa portuguesa, natural de Vila Viçosa (Alentejo). Nasceu filha ilegítima de **João Maria Espanca e de Antônia da Conceição Lobo**, criada de servir (como se dizia na época), que morreu com apenas 36 anos, «de uma doença que ninguém entendeu», mas que veio designada na certidão de óbito como **nevrose**.

Registrada como filha de pai incógnito, foi, todavia educada pelo pai e pela madrasta, **Mariana Espanca**, em Vila Viçosa, tal como seu irmão de sangue, Apeles Espanca, nascido em 1897 e registrado da mesma maneira.

Note-se como curiosidade que o pai, que sempre a acompanhou, só 19 anos após a morte da poetisa, por altura da inauguração do seu busto, em Évora, e por insistência de um grupo de florbelianos, a perfilhou.

Estudou no liceu de Évora, mas só depois do seu casamento (1913) com Alberto Moutinho concluiu, em 1917, a secção de Letras do Curso dos Liceus.

Em Outubro desse mesmo ano matriculou-se na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, que passou a frequentar.

Na capital, contactou com outros poetas da época e com o grupo de mulheres escritoras que então procurava impor-se. Colaborou em jornais e revistas, entre os quais o Portugal Feminino.

**Em 1919**, quando frequentava o terceiro ano de Direito, publicou a sua primeira obra poética, **Livro de Mágoas**.

**Em 1921**, divorciou-se de **Alberto Moutinho**, de quem vivia separada havia alguns anos, e voltou a casar, no Porto, com o oficial de artilharia **António Guimarães**.

Nesse ano também o seu pai se divorciou, para casar, no ano seguinte, com Henriqueta Almeida.

**Em 1923**, publicou o **Livro de Sórora Saudade**.

**Em 1925**, Florbela casou-se, pela terceira vez, com o médico **Mário Laje**, em Matosinhos.

Os casamentos falhados, assim como as desilusões amorosas, em geral, e a morte do irmão, **Apeles Espanca** (a quem Florbela estava ligada por fortes laços afetivos), num acidente com o avião que tripulava sobre o rio Tejo, em 1927, marcaram profundamente a sua vida e obra.

**Em 1930 -08/12-**, agravados os problemas de saúde, sobretudo de ordem psicológica, Florbela morreu em Matosinhos, tendo sido apresentada como causa da morte, **oficialmente, um «edema pulmonar»**.

Postumamente foram publicadas as obras **Charneca em Flor (1930)**, **Cartas de Florbela Espanca, por Guido Battelli (1930)**, **Juvenília (1930)**, **As Marcas do Destino (1931, contos)**,

**Cartas de Florbela Espanca, por Azinhal Botelho e José Emídio Amaro (1949) e Diário do Último Ano Seguido De Um Poema Sem Título, com prefácio de Natália Correia (1981).**

O livro de contos **Dominó Preto ou Dominó Negro**, várias vezes anunciado (1931, 1967), seria publicado em 1982.

A poesia de Florbela caracteriza-se pela recorrência dos temas do sofrimento, da solidão, do desencanto, aliados a uma imensa ternura e a um desejo de felicidade e plenitude que só poderão ser alcançados no absoluto, no infinito.

A veemência passional da sua linguagem, marcadamente pessoal, centrada nas suas próprias frustrações e anseios, é de um **sensualismo muitas vezes erótico**.

Simultaneamente, a paisagem da charneca alentejana está presente em muitas das suas imagens e poemas, transbordando a convulsão interior da poetisa para a natureza.

Florbela Espanca não se ligou claramente a qualquer movimento literário. Está mais perto do neo-romantismo e de certos poetas de fim-de-século, portugueses e estrangeiros, que da revolução dos modernistas, a que foi alheia.

Pelo caráter confessional, sentimental, da sua poesia, segue a linha de António Nobre, fato reconhecido pela poetisa.

Por outro lado, a técnica do soneto, que a celebrou, é, sobretudo, influência de Antero de Quental e, mais longinquamente, de Camões.

Poetisa de excessos cultivou exacerbadamente a paixão, com voz marcadamente feminina (em que alguns críticos encontram dom-joanismo no feminino).

A sua poesia, mesmo pecando por vezes por algum convencionalismo, tem suscitado interesse contínuo de leitores e investigadores.

**É tida como a grande figura feminina das primeiras décadas da literatura portuguesa do século XX.**





A poesia de Florbela Espanca é mais significativa que seus contos, e produto duma sensibilidade exacerbada por fortes impulsos eróticos, corresponde a um verdadeiro diário íntimo onde a autora extravasa as lutas que travam dentro de si tendências e sentimentos opostos.

Trata-se duma poesia-confissão, através da qual ganha relevo eloquente, cálido e sincero, toda a angustiante experiência sentimental duma mulher superior por seus dotes naturais, fadada a uma espécie de donjuanismo feminino.

A poetisa, como a desnudar-se por dentro, sem pejo ou preconceito de qualquer ordem, põe-se a confessar abertamente suas íntimas comoções de mulher apaixonada.

O modo como procede, a temperatura da confiança amorosa, os reptos e os fulgores duma paixão incontrolável e escaldante, só encontra semelhança nas **Cartas de Amor de Sórora Mariana Alcoforado**. Aliás, a semelhança entre elas é muito Maior do que parece, quanto mais não fosse, porque ambas eram alentejanas...

A trajetória poética de Florbela inicia-se sob a égide de António Nobre, seja nos versos que vão compor a juvenilia, seja no **Livro de Mágoas**: esteticismo, narcisismo e culto literário da **Dor**: "**Poeta da Saudade**, ó meu poeta q'rido", "ó Anto! Eu adoro os teus estranhos versos", "os males d'Anto toda a gente os sabe! ". Fase tateante ainda, mas onde já se vislumbra o encontro dum caminho autêntico, duma dicção poética pessoal e forte.

Com o **Livro de Sórora Saudade**, **Florbela** se encontra definitiva mente enquanto poetisa: o soneto, descoberto como a forma ideal para se exprimir, passa a ser largamente cultivado, embora sob a influência sensível dos sonetos anteriores.

Conquistava, assim, o veículo que melhor lhe permitia confessar o drama íntimo, numa forma cada vez mais cuidada e límpida. Seu drama amoroso amadurece e desenvolve-se-lhe a expressão correspondente.

Erótica e emocionalmente insatisfeita, sofre porque a sociedade não lhe compreende o conflito íntimo e a escorraça por querer a realização de apetências que catalogam de imorais, sem lhes compreender o alcance e a altitude.

Mais, porém, que a hipócrita condenação social, faz sofrer à poetisa a ausência dum "outro", ou melhor, do "Outro", para satisfazer-lhe a ânsia dum amor mais forte que a vontade e as convenções burguesas: "O amor dum homem? - Terra tão pisada, / Gota de chuva ao vento bolorçada... / Um homem? - Quando eu sonho o amor dum Deus!...".

Uma tão obsessiva e poderosa capacidade de amar, sendo incorrespondida, derrama-se na Natureza, originando poemas de tons panteísticos logo transformados em melancólica ternura pela terra-mãe, por Évora, pelos lugares da adolescência e por ela própria.

Exaustos de suplicar um amor integral, seus sentidos pedem o repouso no solo de onde ela recebeu toda a demoníaca força que lhe vai nas entranhas. A Morte, agora, põe-se a substituir seu anseio de Vida: "Deixai entrar a Morte, a iluminada, / A que vem para mim, pra me levar, / Abri todas as portas par em par / Como asas a bater em revoada."

Está-se na fase derradeira da poesia de Florbela, representada pelos sonetos de Charneca em Flor e Reliquae: embora menos impressionante e comovente como estado confessional, pois o relativo apaziguamento da luta interior vem acompanhado de renúncia e prostração, corresponde ao ápice artístico de sua carreira de poetisa.

Seus sonetos atingem agora um refinamento raro e uma imediata força comunicativa, próprios duma sensibilidade que subtilizou o amor a pouco e pouco até assumir uma olímpica resignação de quem traz "no olhar visões extraordinárias", e só tem "os astros, como os deserdados...", passando por efêmeros momentos de realização amorosa, numa plenitude que a leva a confessar ao Outro: "Dentro de ti, em ti igual a Deus!...". Em matéria poética expressa em vernáculo, outra voz feminina igual não se ergueu até hoje.

**Massaud Moisés, A Literatura Portuguesa - Editora Cultrix, São Paulo**

<http://auladeliteraturaportuguesa.blogspot.com.br/2010/04/florbela-espanca-perfil-literario.html>



## Florbela Espanca

Uma singela homenagem à grande poetisa portuguesa (por Márcia Arruda Pinheiro)

<http://marciaapinheiro.tripod.com/index.htm>



*Florbela Espanca*

Iniciada em tenra idade no salutar hábito da leitura por minha mãe (fui alfabetizada aos 3 anos e 6 meses de idade), sempre tive gosto por poesias. Assim, buscando novos ou pouco conhecidos poetas, no final da década de 1970 fui "apresentada" a **FLORBELA ESPANCA**, através de alguns poucos sonetos.

Sim, eram somente alguns sonetos, mas o suficiente para deixar em mim a sensação de algo e alguém belos, que transcendiam as fronteiras da poesia comum e de um simples poeta, como estamos acostumados a encontrar no dia-a-dia.

Passei, então, a querer mais e mais, pois sentia que havia encontrado, pelo menos para mim, a poetisa definitiva, que conseguiu imprimir em cada palavra, verso e estrofe sentimentos que variam de uma explosão de cores fortes e vibrantes ao breu total, não sem passar por diáfanos tons pastéis.

Contudo, por mais que procurasse, não lograva encontrar um livro seu, tendo que me contentar com as "esmolas" em forma de poemas que recebia de amigos.

Em 1983, quando fui a Portugal, ganhei de presente de minha prima Maria Isabel o livro "Sonetos", que contém todos aqueles publicados em "Livro de Mágoas", "Livro de Soror Saudade", "Charneca em Flor" e "Reliquiæ".

Talvez seja desnecessário dizer que, desde então, não mais consegui dele me separar, lendo-o e relendo-o sempre que posso e nele encontrando cada vez mais profundamente gravada a alma de **FLORBELA ESPANCA**, através da beleza, de seus sonhos, da esperança, do amor, da dor e da

insatisfação com a vida que, de forma tão bonita, deixou como herança para as gerações posteriores à sua. Mulher, jovem, início do século, Portugal.

Talvez essas quatro expressões sejam suficientes para descrever a grande poetisa, que tão cedo (aos 36 anos de idade) abandonou a vida (de 7 para 8 de dezembro de 1930).

Talvez consigam até mesmo justificar os motivos que a levaram a fazer o que fez.

Só não se justifica o pequeno valor que se dá a tão importante poetisa, grande representante de Portugal no mundo literário, que tento, agora, de forma simples e sem maiores aspirações, trazer a público, para que receba seu justo e merecido reconhecimento.

Não pretendo, nesta página, criar obras de arte, porquanto entendo que elas já foram criadas, na forma literária, por FLORBELA ESPANCA.

Assim, não me valho de efeitos visuais, tridimensionais nem de impacto para trazer ao mundo um pouco da vasta e grandiosa obra da poetisa portuguesa.

Se cada página tem flores como fundo, tive a inspiração no próprio nome da poetisa - FLORBELA, BELA FLOR, sempre viva, que nunca deixará de existir no inesgotável jardim do sentimento, da poesia, da leitura, enfim, da BELA FLOR BELA.

Quero, sim, render uma sincera e humilde homenagem à literatura portuguesa, irmanada que é com a brasileira, havendo escolhido FLORBELA ESPANCA para representá-la, eis ser esta escritora, na minha concepção de literatura, marco inolvidável da mais profunda expressão de beleza, sentimentos, sensações, dores, desespero, enfim, de tudo que possa se passar no íntimo de cada um de nós.

É ela capaz de fazer com que cada leitor tenha as mais indizíveis experiências com a simples leitura de suas criações literárias. Remete-nos, FLORBELA ESPANCA, da beleza à fealdade, da alegria à mais profunda tristeza, do gozo à dor, em assomos de sanidade e loucura, muitas vezes tão próximos um do outro que é impossível diferenciá-los sem uma introspecção de nós mesmos.

E assim o fazendo, aprendi a amá-la e respeitá-la, não só como expoente literário, mas - e acima de tudo - como ser humano, passível de acertos, erros, enganos, desenganos e atitudes extremas, como aquela que lhe tirou a vida, porque FLORBELA ESPANCA não era de sua época, de seu pequeno mundo, deste mundo.

Vivia, como todos os grandes artistas, além da realidade do dia-a-dia, ultrapassando todas as fronteiras do corpo e da alma e mergulhando a fundo no universo da existência humana, onde não há limites definidos para a realidade (dura e sombria) e o sonho (que permite alcançarmos a perfeição e o extravasamento de nossos anseios mais ocultos).

Porém, como não sou especialista em literatura, somente lendo por diletantismo, trago a lume as análises de José Régio e Maria Lúcia Dal Farra, passando a transcrevê-las:

*"A obra de Florbela é a expressão poética de um caso humano. Decerto para infelicidade da sua vida terrena, mas glória de seu nome e glória da poesia portuguesa, Florbela viveu a fundo esses estados quer de depressão, quer de exaltação, quer de concentração em si mesma, quer de dispersão em tudo, que na sua poesia atinge tão vibrante expressão. Mulheres com talento vocabular e métrico para talharem um soneto como quem talha um vestido; ou bordarem imagens como quem borda missanga; ou (o que é ainda menos agradável) se dilataram em ondas de*

*verbalismo como quem se espreguiça por nada ter o que fazer, que dizer - naturalmente as houve, e há, antes e depois da vida de Florbela. (...) Também, decerto, apareceram na nossa poesia autênticas poetisas, antes e depois de Florbela. Nenhuma, porém, até hoje, viveu tão a sério um caso tão excepcional e, ao mesmo tempo, tão significativamente humano. Jorge de Sena dirá: tão expressivamente feminino."*

José Régio (*in* "Sonetos" de Florbela Espanca, Livraria Bertrand, Portugal, 19ª. ed. completa, 1981)

*"Bíblia de iniciação amorosa, dicionário das vicissitudes da mulher, livro-de-horas da dor - assim é a poesia de Florbela Espanca. Dela emana um feitiço insurrecto que tem escandalizado e encantado, desde 1930, seus leitores, quando, apenas depois de morta, a poetisa se torna (afinal) conhecida. (...) A interlocução com o universo masculino e o exercício permanente do amor imprimem a tal obra uma continuada verumagem acerca da condição feminina, que vasculha os ritos sociais, os jogos de sedução, os interditos, os privilégios - a maldição. Nessa rota, assenhorando-se do estatuto tradicional da mulher para pô-lo em causa, Florbela acaba retirando dele um corolário que o torna ativo, visto que redimensionado em bem literário. E eis que o infortúnio, tomado na acepção de prerrogativa feminina, se converte, por seu turno, numa estética em que a dor é a matéria-prima, capaz de criar, apurar e transfigurar o mundo - única e verdadeira senda de conhecimento reservada à mulher. (...) Florbela consegue, através dos seus poemas, o prodígio de transmutar a histórica inatividade social da mulher em... genuína força produtiva! E esse (a bem dizer) é apenas um dos seus muitos dons."*

Maria Lúcia Dal Farra (*in* "Poemas de Florbela Espanca", Livraria Martins Fontes Editora Ltda., São Paulo, Brasil, 1ª. ed, 2ª. tiragem, outubro/97)



## Bibliografia ativa

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre. [http://pt.wikipedia.org/wiki/Florbelas\\_Espanca](http://pt.wikipedia.org/wiki/Florbelas_Espanca)

### Poesia

- 1919 *Livro de Mágoas*. Lisboa: Tipografia Maurício. [\(eBook\)](#)
- 1923 *Livro de SÓror Saudade*. Lisboa: Tipografia A Americana.
- 1931 *Charneca em Flor*. Coimbra: Livraria Gonçalves.
- 1931 *Juvenília: versos inéditos de Florbela Espanca* (com 28 sonetos inéditos). Estudo crítico de Guido Battelli. Coimbra: Livraria Gonçalves.
- 1934 *Sonetos Completos (Livro de Mágoas, Livro de SÓror Saudade, Charneca em Flor, Reliquiae)*. Coimbra: Livraria Gonçalves.

### Prosa

- 1931 *As Máscaras do Destino*. Porto: Editora Marânus.
- 1981 *Diário do Último Ano*. Prefácio de Natália Correia. Lisboa: Livraria Bertrand.
- 1982 *O Dominó Preto*. Prefácio de Y. K. Centeno. Lisboa: Livraria Bertrand.

### Coletâneas

- 1985/86 *Obras Completas de Florbela Espanca*. 8 vols. Edição de Rui Guedes. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- 1994 *Trocando Olhares*. Estudo introdutório, estabelecimento de textos e notas de Maria Lúcia Dal Farra. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda.

### Epistolografia

- 1931 *Cartas de Florbela Espanca* (A Dona Júlia Alves e a Guido Battelli). Coimbra: Livraria Gonçalves.
- 1949 *Cartas de Florbela Espanca*. Prefácio de Azinhal Abelho e José Emídio Amaro. Lisboa: Edição dos Autores.

### Traduções

- 1926 *Ilha azul*, de Georges Thiery. Figueirinhas do Porto.
- *O segredo do marido*, de M. Maryan. Biblioteca das Famílias.
- 1927 *O segredo de Solange*, de M. Maryan. Biblioteca das Famílias.
- *Dona Quichota*, de Georges de Peyrebrune. Biblioteca do Lar.
- *O romance da felicidade*, de Jean Rameau Biblioteca do Lar.
- *O castelo dos noivos*, de Claude Saint-Jean
- *Dois noivados*, de Champol. Biblioteca do Lar.
- *O canto do cuco*, de Jean Thiery. Biblioteca do Lar.
- 1929 *Mademoiselle de la Ferté* (romance da actualidade) de Pierre Benoit. Série Amarela.
- 1932 *Máxima* (romance da actualidade, de A. Palácio Váldez. Coleção de Hoje.)

### Algumas reedições

- ESPANCA, Florbela. *Poemas de Florbela Espanca*. Edição preparada por Maria Lúcia Dal Farra. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- *Sonetos Completos*. 7ª ed. Prefácio de José Régio. Coimbra: Livraria Gonçalves, 1946.
- *As Máscaras do Destino*. 4ª ed. Prefácio de Agustina Besa Luís. Amadora: Bertrand Editora, 1982.
- *Contos Completos*. 2ª ed. Venda Nova: Bertrand Editora, 1995.
- *Obras Completas de Florbela Espanca*, Lisboa: Publicações D. Quixote, 1992.
- *Obras Completas – Poesia* (1903 - 1917). Coleção Obras Completas de Florbela Espanca. Vol. I. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1985.
- *Poesia Completa*. Prefácio, organização e notas de Rui Guedes. Coleção Autores de Língua Portuguesa – Poesia. Venda Nova: Bertrand Editora, 1994.
- *Sonetos*. Prefácio de José Régio. Lisboa: Bertrand Editora, 1982.

### Bibliografia passiva

#### Livros

- ALEXANDRINA, Maria. *A Vida Ignorada de Florbela Espanca*. Porto: Edição da Autora, 1964.
- ALONSO, Cláudia Pazos. *Imagens do Eu na poesia de Florbela Espanca*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1997.
- BESSA-LUÍS, Agustina. *Florbela Espanca. Biografia*. Lisboa: Guimarães, 2001 (4ª ed.).
- *Florbela Espanca. A Vida e a Obra*. Lisboa: Arcádia, 1979.
- COELHO, Jacinto do Prado. *Dicionário de Literatura*. 3ª ed. Vol. I. Porto: Figueirinhas, 1982.
- FERNÁNDEZ, José Carlos, "Florbela Espanca: A Vida e a Alma de uma Poetisa", Lisboa, Nova Acrópole, 2011. [1]
- FARRA, Maria Lúcia Dal. *Afinado desconcerto (contos, cartas, diário)*. São Paulo: Iluminuras, 2001.
- *Florbela Espanca*. Rio de Janeiro: Agir Editora, 1994.
- "Florbela inaugural". *Literatura portuguesa Aquém-Mar*, Annie Gisele Fernandes e Paulo Motta Oliveira, pp. 197–211. Campinas: Editora Komedi, 2005.
- "Florbela: um caso feminino e poético". *Poemas de Florbela Espanca*. São Paulo: Martins Fontes, 1996, pp. V-LXI.
- FRANÇA, José Augusto. *Os anos vinte em Portugal: estudo de factos sócio-culturais*. Lisboa: Editorial Presença, 1992.
- FREIRE, António. *Florbela Espanca, poetisa do amor*. Porto: Salesianas, 1994.
- *O Amor Lusíada em Florbela Espanca*. Vale do Cambra: Câmara Municipal de Vale do Cambra, 1997.
- GUEDES, Rui. *Acerca de Florbela*. Coleção Florbela Espanca. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1986.
- *Fotobiografia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1985.
- MACHADO, Álvaro Manuel. *Dicionário de Literatura Portuguesa*. Lisboa: Editorial Presença, 1995.
- *Poesia Romântica Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1982.
- MATTOSO, José. *História de Portugal*. Vol. V (de VIII). Lisboa: Editorial Estampa, 1993.
- MOISÉS, Massaud. *Literatura portuguesa moderna: guia biográfico, crítico e bibliográfico*. São Paulo: Editora Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1973.

- [NEMÉSIO, Vitorino](#). "Florbelas". *Conhecimento da Poesia*. Baía: Universidade da Baía, 1958.
- NORONHA, Luzia Machado Ribeiro de. *Entre retratos de Florbela Espanca: uma leitura biografemática*. São Paulo: Annablume, 2001.
- PAIVA, José Rodrigues de. *Estudos sobre Florbela Espanca*. Recife: Associação de estudos portugueses Jordão Emerenciano, 1995.
- [RÉGIO, José](#). *Ensaio de Interpretação Crítica*. Coleção Obras Completas. Lisboa: Portugália Editora, 1964.
- [SARAIVA, António José](#), [LOPES, Óscar](#). *História da Literatura Portuguesa*. 9ª ed. Porto: Porto Editora, 1976. pp. 967.
- [SENA, Jorge de](#). *Florbela Espanca ou a Expressão do Feminino na Poesia Portuguesa*. Porto: Fenianos, 1947.
- SILVA, Zina Maria Bellodi da Silva. *Florbela Espanca: Discurso do Outro e Imagem de Si*. São Paulo: Araraquara, 1987.
- [SIMÕES, João Gaspar](#). *História da Literatura Portuguesa do Século XX*. 1959.
- SOMBRIO, Carlos. *Florbela Espanca*. Lisboa: Edições Homo, 1948.

### Artigos

- ALMEIDA, Patrícia e ALBERTO, Carlos (fotos). "Mostra Sobre Florbela Viaja de Vila Viçosa para Lisboa". *A Capital*, 27 de Fevereiro de 1995.
- BARBOSA, Graça. "Florbela em pedra de Ançã". *Público*, 13 de Setembro de 1994.
- BATTELLI, Guido. "Florbela - Recordações e impressões críticas". *A Cidade de Évora: Boletim de Cultura da Câmara Municipal* (1ª Série), nº 29, 1952, pp. 409 – 430.
- "O Alentejo na Poesia de Florbela Espanca". *A Cidade de Évora: Boletim de Cultura da Câmara Municipal* (1ª Série), nº 25, 1951, pp. 289 – 298.
- CORREIA, Dorcas. "Bela Alentejana de um tempo em flor". *Imenso Sul*, Janeiro a Março de 1995.
- DAL FARRA, Maria Lúcia. "[Recensão crítica a 'Contos e Diário', de Florbela Espanca; 'Florbela Espanca - Fotobiografia', de Rui Guedes; 'Contos', de Florbela Espanca]". *Revista Colóquio/Letras. Recensões Críticas*, nº 92, Jul. 1986, p. 87-90.
- "[Recensão crítica a 'Cartas (1906-1922)', de Florbela Espanca; 'Cartas (1923-1930)', de Florbela Espanca]". *Revista Colóquio/Letras. Recensões Críticas*, nº 99 de setembro de 1987, p. 109-111.
- "No centenário de Florbela Espanca (1894-1930). A interlocução de Florbela com a poética de Américo Durão". *Revista Colóquio/Letras. Ensaio*, nº 132/133, de abril de 1994, p. 99-110.
- "A Condição Feminina na Obra de Florbela Espanca". In: *A Cidade de Évora: Boletim de Cultura da Câmara Municipal* (1ª Série), nº 69, 1986, pp. 51 – 61.
- DAVID, Celestino. "O Romance de Florbela". *A Cidade de Évora*. Évora, n. 15/16 e 17/18, respectivamente p. 41-100 e 353-435, março-junho de 1948 e Março-Junho de 1949.
- DOMINGOS, Paulo Costa. "A Flor da Charneca". *Expresso*, 10 de Dezembro de 1994.
- ESPANCA, Túlio Alberto da Rocha. "Dupla Homenagem a Poetas do Alentejo: O quinquentenário da morte de Florbela Espanca; Autobiografia de Celestino David". In: *A Cidade de Évora: Boletim de Cultura da Câmara Municipal* (1ª Série), nº 63, 1980, pp. 303 – 332.
- FALCATO, João. "Crónica de Domingo. Florbela Espanca regressa à sua terra da verdade". *Diário de Notícias*, 31 de Maio de 1964.
- FERREIRA, António Mega. "As imagens paradas de Florbela". *Expresso*, 28 de Dezembro de 1985.
- FRANÇA, Elisabete, GASTÃO, Ana Marques. "Cem anos: sonetos fora de época". *Diário de Notícias*, 8 de Dezembro de 1994.

- GUSMÃO, Armando Nobre de. "Algumas poesias juvenis de Florbela Espanca". *A Cidade de Évora: Boletim de Cultura da Câmara Municipal* (1ª Série), nº 45, 1962, pp. 235 – 243.
- IANNONE, Carlos Alberto. "Bibliografia de Florbela Espanca". *A Cidade de Évora: Boletim de Cultura da Câmara Municipal* (1ª Série), nº 48, 1965, pp. 51 – 64.
- LARANJO, Tânia, MOREIRA, Henrique (fotos). "Florbela em Matosinhos cem anos depois". *Jornal de Notícias*, 3 de Janeiro de 1995.
- LOPES, Norberto, "Florbela, escolar de Direito", *Diário de Notícias*, 14 de Novembro de 1981.
- LOPES, Óscar. "Florbela a Alentejana Livre". In: *Jornal das Letras* no. 631, de 21 de Dezembro a 3 de Janeiro de 1995, pp. 42–43.
- LOPES, Silvina Rodrigues. "[Recensão crítica a 'Poesia I (1903-1917) e II (1918-1930)', de Florbela Espanca]". In: *Revista Colóquio/Letras. Recensões Críticas*, n.º 92, Julho de 1986, pp. 86–87.
- MARTINHO, Fernando J. B. "Variante Inédita de "Desejos Vãos" de Florbela Espanca". *A Cidade de Évora: Boletim de Cultura da Câmara Municipal* (1ª Série), nº 63, 1980, pp. 333 – 338.
- MOURÃO, Paula. "Florbela: o 'Diário' de 1930". *A planície e o abismo: Actas do Congresso sobre Florbela Espanca*. Org. Universidade de Évora. Lisboa: Vega, 1997. pp. 109–116.
- NUNES, Maria Manuela Moreira. "Florbela Espanca". *A Cidade de Évora: Boletim de Cultura da Câmara Municipal* (1ª Série), nº 45, 1962, pp. 161 – 234.
- OLÍVIA, Maria, VALENTIM, Marques (fotos). "Ser Poeta". *Correio da Manhã*, 21 de Agosto de 1994.
- RÉGIO, José. "Sobre o caso e a arte de Florbela Espanca". In: *Sonetos completos*. Coimbra, Livraria Gonçalves, 1946.
- ROCHA, André. À procura da Florbela". *JL*, 5/1/1982: 2-3, repr. in: *Temas da Literatura Portuguesa*, Coimbra, 1986. pp. 141–148.
- ROCHA, Clara. "[Recensão crítica a 'Diário do Último Ano', de Florbela Espanca]". *Revista Colóquio/Letras. Recensões Críticas*, n.º 69, Setembro de 1982, p. 79-80.
- RODRIGUES, Lopes. "Nótulas Florbelianas: Boletim da Biblioteca Municipal de Matosinhos". Matosinhos, 3 de agosto de 1956, pp. 3-53.
- SIMÕES, Casimiro. "Estátua de Florbela Espanca assinala cem anos que nasceu". *O Dia*, 3 de Setembro de 1994.
- "Florbela Espanca: a poetisa do amor". *O Dia*, 15 de Outubro de 1982.
- "A vida, o talento e as tendências mórbidas de Florbela Espanca - Revelações inéditas". *O Globo*, 14 de Março de 1983.
- "De mim ninguém gosta, de mim nunca ninguém gostou - Revelações inéditas II". *O Globo*, 15 de Março de 1983.

## Bibliografia em linha

### Artigos

- BARREIRA, Cecília. "Florbela Espanca." *Figuras da cultura portuguesa*. [Instituto Camões](#)
- BRAGA, Thomas J. "Florbela Espanca: The Limbs of a Passion". [Hispania](#)
- FARRA, Maria Lúcia Dal. "[A Florbela de Augustina](#)"
- GALVÃO, Rolando. "Florbela Espanca". [Vidas Lusófonas](#)
- PIRES, Sandra Mendonça. "Enantidromia de Florbela Espanca: um percurso, ao contrário, através da vida e dos lugares da poetisa". *Tinta lusa*. [Instituto Camões](#)
- SILVA, Lígia Michelle de Melo. "O discurso erótico de Florbela Espanca". [Revista Autor](#)

## Outra bibliografia

- *Florbela! Flor Bela!* Exposição. Vila Viçosa: Biblioteca Florbela Espanca, 1994.
- *Comemorações do 1º Centenário de Florbela Espanca*. Évora: Grupo Pró-Évora, 1996.
- *A Planície e o Abismo*. Congresso Sobre Florbela Espanca. Lisboa: Vega, 1997.
- "Nostalgia", filme documentário da RTP sobre Florbela Espanca. Série *Outonos*. Dir. Francisco Manuel Manso Gonçalves de Faria. Agosto/Setembro de 1993.

## Livro de Mágoas

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre. [http://pt.wikipedia.org/wiki/Florbela\\_Espanca](http://pt.wikipedia.org/wiki/Florbela_Espanca)

**Livro de Mágoas** (ou **Livro das Mágoas**) é a primeira obra poética de Florbela Espanca editada. Saiu em Junho de **1919** em **Lisboa** pela Tipografia Maurício<sup>[1]</sup> graças a **Raul Proença**, um intelectual e crítico literário conceituado e influente, que reconheceu o talento da jovem poetisa.

O livro, inicialmente nomeado *Primeiros Passos*,<sup>[2]</sup> tinha por base onze poesias da coletânea *Trocando Olhares*. A autora enviou a Raul Proença a amostra da sua criação em Julho de **1916**. Corrigiu os poemas conforme as sugestões do crítico e escreveu mais alguns para completar a sua primeira antologia.<sup>[3]</sup>

São trinta e dois sonetos dedicados ao pai ("A meu Pai. Ao meu melhor amigo"<sup>[4]</sup>) e ao irmão da poetisa ("À querida Alma irmã da minha. Ao meu irmão"<sup>[5]</sup>). Florbela centra-se na temática da mágoa, da dor e da saudade, inserindo-se, desde o início da obra, num contexto decadentista. Para assinalar o tom finissecular a antologia abre com uma epígrafe a **Eugénio de Castro** ("Procuremos somente a beleza..."<sup>[6]</sup>) e a **Verlaine** ("Isoléns dans l'amour..."<sup>[7]</sup>). Ao longo da obra observa-se uma tendência para chorar e lamentar-se, manifestada especialmente em sonetos "Vaidade", "Neurastenia", "Castelã" e "Em Busca do Amor".<sup>[8]</sup> Abordando igualmente a temática do sonho, Florbela define para si um espaço poético único de comunicação entre os tristes e magoados. A poetisa expõe esta intenção logo no primeiro soneto: "Este Livro...".

## Conteúdo da Obra

- [Este livro](#)
- [Vaidade](#)
- [Eu](#)
- [Castelã](#)
- [Castelã da Tristeza](#)
- [Tortura](#)
- [Lágrimas Ocultas](#)
- [Torre de Névoa](#)
- [A minha Dor](#)
- [Dizeres Íntimos](#)
- [As minhas Ilusões](#)
- [Neurastenia](#)
- [Pequenina](#)
- [A maior Tortura](#)
- [A Flor do Sonho](#)
- [Noite de Saudade](#)
- [Angústia](#)
- [Amiga](#)
- [\[sem título\]](#)
- [Desejos Vãos](#)
- [A Um Livro](#)
- [Pior Velhice](#)
- [Alma Perdida](#)
- [De Joelhos](#)
- [Languidez](#)
- [Para Qué?!](#)
- [Ao Vento](#)
- [Tédio](#)
- [Desalento](#)
- [A Minha Tragédia](#)
- [Sem Remédio](#)
- [Mais Triste](#)
- [Velhinha](#)
- [Em Busca do Amor](#)
- [Impossível](#)



Nicole Borger – Interpreta poemas de Florbela Espanca

<http://www.nicoleborger.com.br/>

**Nicole Borger** nasceu em São Paulo, Capital, e tem ascendência norte-americana e européia. Essa mistura cultural, aliada a uma intensa vivência internacional criaram possibilidades de transitar livremente por vários estilos musicais. Ela foi aluna de grandes professores de canto nos Estados Unidos e no Brasil, como Judy Dubowsky, em Miami, Florida, e Regina Machado e Caio Ferraz, em São Paulo, e hoje é granduanda de Composição Popular, na Faculdade de Música Santa Marcelina.



Nicole tem sido aplaudida pela crítica, que vem elogiando a afinação de sua voz de contralto, o bom gosto e a emoção de sua interpretação. Tem se apresentado regularmente nos melhores teatros e centros do circuito cultural musical de São Paulo.

Em junho de 2000, esteve em Lisboa e cantou nos bares The Hot Club e Speakeasy.

**Em 2001 lançou seu primeiro CD autoral "AMAR- Um encontro com Florbela Espanca" e realizou shows de lançamento e divulgação deste trabalho.**

Em agosto de 2002, Nicole apresentou-se no The Applebarrel em New Orleans, EUA e foi entrevistada pela WWOZ, uma das dez maiores estações de rádio dos Estados Unidos. Depois foi a vez do Centro Cultural Banco do Nordeste, e outros espaços culturais em Fortaleza.

Em 2003, estreou os espetáculos "Shorashim" acompanhada pelo Grupo Mawaca, para a inauguração do Centro da Cultura Judaica, "Saudades" para o Festival de Inverno de Campos do Jordão, e "Sentimental Jazz" no Teatro da Cultura Inglesa, e além disso, participou do WOMEX - World Music Exhibit, em Sevilha, Espanha.



Em março de 2004, estreou o espetáculo "Canções que Ella cantava", no Theatro São Pedro, e promoveu o lançamento do CD AMAR nos EUA, em New York, Boston, Miami, e Cidade do México.

Em setembro, estreou o espetáculo "Tributo a Naomi Shemer", no Centro da Cultura Judaica de São Paulo, e no Teatro Folha, e fez apresentações posteriores em outros centros culturais de São Paulo e no Paraná.

Em 2005, lançou seu segundo CD - "SINGRAR - Sailing Songs" em São Paulo, no Nordeste e no Exterior, realizando turnê com nove apresentações em diversas cidades norte-americanas.

Em 2006, Nicole produziu a banda de Jazz só de mulheres, chamada JAZZESPERADAS, realizando doze apresentações em diversos espaços culturais e de setembro a novembro apresentou MISA CRIOLLA - CONCERTO DA PAZ, no Parque do Ibirapuera, no Projeto Coexistence, promovido pelo Centro da Cultura Judaica, e em outros auditórios de São Paulo.

Além disso apresentou Regina Coeli de Mozart, como contralto solista, acompanhada do Coral e Orquestra da Sociedade Pró Musica Sacra de São Paulo.

**Ainda em 2006, Nicole gravou o CD cantando MARIAS que foi lançado em 2007.**



Paralelamente á sua atividade musical, **Nicole é formada em Direito pela PUC/SP** e milita, há mais de vinte anos, na área de consultoria fiscal, onde é reconhecida como **uma das mais conceituadas advogadas tributaristas do país.**



#### Entrevista no Programa Jô Soares Onze e Meia

<http://www.youtube.com/watch?v=cd14umvpX8c> parte 1/3

<http://www.youtube.com/watch?v=LBSUKyPhF> parte 2/3

<http://www.youtube.com/watch?v=sKxMyEd4hVU> parte 3/3

“Nicole, vá em frente! Você tem muito talento e uma voz lindíssima!” – **Jô Soares – Programa Onze e Meia**

“ Fazer música por prazer e sem necessidade é um privilégio que pode gerar produtos de exceção. Assim é o álbum de estréia da compositora e cantora paulistana Nicole Borger (...) O disco guarda a honestidade de uma viagem profunda (...)” – **Luís Antônio Giron – Gazeta Mercantil**

“Ela trabalha como advogada durante o dia e à noite canta: (...) Nicole Borger herdou do pai, americano, o gosto pelo jazz, e a melancolia do fado veio da mãe, portuguesa” – **Mônica Bergamo – Folha de São Paulo - Ilustrada**

“Encarar AMAR pela primeira vez é encarar uma incógnita. Não dá para saber o que esperar desse CD da cantora paulista Nicole Borger, que para seu primeiro álbum fez uma opção estética arriscada, na qual muita gente boa já escorregou – **musicar poemas**. (...) da intrigante premissa inicial salta um belo disco, banhado em bom gosto e muita emoção. Nicole (...) revela ser mais que apenas uma intérprete afinada (...) exibindo surpreendentes dotes de compositora (...) num trabalho contido e variado, digno de uma artista já madura. Bela revelação.” – **Marco Antonio Barbosa**

“Se você está em São Paulo e quer ver um trabalho diferenciado e de qualidade, tem uma boa oportunidade (...). o espetáculo “**AMAR – Um encontro com Florbela Espanca**” com a cantora **Nicole Borger**. Aplaudida pela crítica, que vem elogiando a afinação de sua voz de contralto, o bom gosto e a emoção de sua interpretação, a cantora também é responsável por musicar, com grande êxito, os poemas de Florbela Espanca (...).” – **Pergunte ao Tamer**

“ (...) o CD “**AMAR – Um encontro com Florbela Espanca**” é mais uma maneira de disseminar a poesia como um todo e o trabalho da poetisa (...). Elaborado da maneira mais despreziosa possível (...) o disco é perene, não é um disco de moda (...) “ – **Teresa Monteiro – Jornal O Povo, Fortaleza**

“ Advogada solta o vozeirão em bar (...) “ – **O Estado de São Paulo**

“ A cantora e compositora Nicole Borger faz uma viagem musical pelos gêneros jazz, blues, e soul music em canções de sua autoria e standards da música norte-americana”. – **Folha de São Paulo**

“**AMAR - Um encontro com Florbela Espanca**” é um CD belo e sensível, com a voz calorosa de Nicole e adorável interpretação dos magníficos poemas de Florbela Espanca”. – **Katrina Geenen – Tudo bem? – WWOZ Radio New Orleans, Louisiana, EUA**

" 'Singrar', não revela outra jovem cantora eclética, mas uma intérprete madura e que sabe bem o que quer. O disco tem como um de seus pilares a suavidade. Mesmo quando as canções abrem espaço para um baião ou algum andamento mais acelerado, é sempre um clima de música de câmara que exalam a voz grave de Nicole e os arranjos econômicos de **Italo Peron**. Outro pilar é a poesia. Quase todas as letras são poemas escritos por Nicole ou por autores desconhecidos, resultando num todo coerente e de qualidade." - **LUIZ FERNANDO VIANNA, Folha de S. Paulo, Ilustrada**

“Navegar é Preciso - Advogada, Nicole Borger costuma aventurar-se pela música. **Singrar é seu segundo CD**. O primeiro foi dedicado a músicas sobre poemas de Florbela Espanca. Logo se vê que Nicole não brinca em serviço. A voz expressiva mantém a unidade na elegância. Quem singrar seus mistérios vai se deparar com paisagens delicadas.” – **Diário de Goiás**.

“ Uma boa surpresa é o **CD autoral de Nicole Borger**. A linha melódica se sobrepõe aos inúmeros letristas que a autora vai acumulando em textos pela Internet, poesias lidas ou em letras recebidas... . O sentimento e a qualidade das canções estão lá registradas. Vale conferir.” **Márcio Paschoal, Jornal das Gravadoras, Rio de Janeiro**.

“(…) a cantora brasileira Nicole Borger e sua banda apresentaram repertório eclético, essencialmente de canções autoral próprio e alguns standards. Nicole é uma contadora de histórias dinâmica, e um de seus projetos recentes incluiu compor músicas para os poemas da feminista Florbela Espanca. Dona de excelente interpretação, a presença amigável e elegante de Nicole adequou-se aos comentários sobre cada canção e sobre como a poesia havia lhe inspirado cada sonoridade. O espetáculo de Nicole foi mais que um programa noturno usual, como tantos outros, e essa mudança foi reconhecida pelo público presente.”. **Darcie-Nicole Wicknick, "...Ask Darcie" Music Business, Boston, EUA.**

[u1] Comentário:

The image shows a screenshot of a CD menu for Nicole Borger. It features three columns of song titles, each with a small album cover image above it. The first column has a cover with a woman's face, the second with a woman singing, and the third with a red rose. Below the titles are play and stop buttons. At the bottom of the menu is a photo of Nicole Borger performing on stage, singing into a microphone.

1 - Amar	1 - Doce Ilusão	1 - Maria, Maria
2 - Caravelas	2 - Singrar	2 - Maria Moita
3 - Meu Fado	3 - Maria	3 - Maria Vai com as Outras
4 - Voz que se cala	4 - Na boca da noite	4 - Maria, Carnaval e Cinzas
5 - A vida em degraus	5 - Recado de Iemanjá	5 - Maria
6 - Saudades	6 - Azulão	6 - Maria de Verdade
7 - Desejos vão	7 - O meu amado é meu	7 - Olha Maria
8 - Os olhos não mentem	8 - Chegada	8 - Juca
9 - Maria das Quimeras	9 - Sentidos	9 - Lata D'Água
10 - Rústica	10 - Meninas	10 - Maria Ninguém
11 - Gosto de ti	11 - Trem tempo	11 - Maria da Canção
12 - Castelos	12 - Tears/Lágrimas	12 - Maria Fumaça
13 - Inconstância	13 - Metamorphosis	13 - Maria Boa
14 - Último sonho de "Sóror Saudade"	14 - Sailing Song	
15 - À Morte	15 - Não te quero	

## Miguel Falabella

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre. - [http://pt.wikipedia.org/wiki/Miguel\\_Falabella](http://pt.wikipedia.org/wiki/Miguel_Falabella)



**Miguel Falabella de Sousa Aguiar - \* 10/10/1956 – Rio de Janeiro – RJ**  
**Nacionalidade Brasileiro Etnia Ítalo-brasileiro**

Conhecido(a) por Atuar no cinema, teatro, TV, musicais e literatura

Ocupação: Ator, cineasta, escritor, apresentador, novelista, dramaturgo, apresentador e roteirista, diretor teatral

Principais trabalhos Caco Antibes em Sai de Baixo (1996-2002)

Donato de Castro Menezes em As Noivas de Copacabana (1992)

Raul Toledo em A Viagem (1994)

Mauro Alcântara Prates em Cara & Coroa (1995)

Miro em Selva de Pedra (1986)

Mário Jorge Dassoin em Toma Lá, Dá Cá (2007-2009)

Magnum opus A Partilha



Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre. - [http://pt.wikipedia.org/wiki/Miguel\\_Falabella](http://pt.wikipedia.org/wiki/Miguel_Falabella)

## Índice

- [1 Biografia](#)
  - [1.1 Televisão](#)
    - [1.1.1 Como ator](#)
  - [1.2 Como autor](#)
  - [1.3 Como diretor](#)
  - [1.4 Como apresentador](#)
  - [1.5 Cinema](#)
    - [1.5.1 Como roteirista](#)
  - [1.6 Como ator](#)
  - [1.7 Como dublador](#)
  - [1.8 Teatro](#)
    - [1.8.1 Como autor](#)
    - [1.8.2 Como ator](#)
    - [1.8.3 Como diretor](#)
    - [1.8.4 Como produtor](#)
  - [1.9 Trabalhos no Carnaval](#)
    - [1.9.1 Como carnavalesco](#)
  - [1.10 Livros](#)
- [2 Referências](#)
- [3 Bibliografia](#)
- [4 Ligações externas](#)

## Biografia

Ainda quando pequeno, quando morava na [Ilha do Governador](#), assistiu ao musical *Hello, Dolly*, estrelado por [Bibi Ferreira](#), e se encantou pelo mundo da dramaturgia. Estreou na televisão em 1982, no programa *Caso Verdade*, no episódio "Jam e Jim", onde dava vida ao personagem título. Logo depois, participou de sua primeira novela, *Sol de Verão*, de [Manoel Carlos](#), como o médico Romeu.

Conquistou o sucesso em 1986, ao interpretar Miro, no remake *Selva de Pedra*, de [Janete Clair](#). Estreou como apresentador de televisão no programa *Vídeo Show* em agosto de 1987. O sucesso foi tanto, que Miguel permaneceu a frente do programa até 2002, quando foi substituído por [André Marques](#), no mês de janeiro.

É um artista bastante ativo no teatro e na televisão. Nos palcos, além de musicais nacionais, costuma trazer a [Broadway](#) para o Brasil. Atuou no grande sucesso *Loiro, Alto, Solteiro, Procura* e escreveu também *A Partilha*, peça que ganhou versão para o cinema (com direção de [Daniel Filho](#)). Na televisão, dentre muitos trabalhos, alcançou grande popularidade apresentando o programa *Vídeo Show* durante 15 anos, e também representando Caco Antítes no humorístico *Sai de Baixo*.

Sua ligação com a poesia e a escrita é forte. Participou de alguns CDs de poesia, e escreveu alguns livros. Foi também autor de várias crônicas publicadas em jornais e revistas, sua coleção mais famosa delas era intitulada *Coração Urbano*.

Participou da série de comédia *Toma Lá, Dá Cá*, também na Globo, como o ex-surfista Mário Jorge, programa do qual assinava o roteiro, ao lado da amiga [Maria Carmem Barbosa](#). A série foi cancelada

em dezembro de 2009, as razões para o término das mesmas segundo o próprio Falabella, foram dele, que disse "Acho bom sair no auge".<sup>[1]</sup> A série também deve virar filme.<sup>[2]</sup>

Com tradução e direção dele, está em cartaz o musical *Hairspray*.

Seu projeto mais recente foi o seriado *A Vida Alheia*, sem platéia e gravado em externas. Segundo Miguel, o objetivo do programa em si não é de ser uma atração de humor, mas sim uma retratação da dura vida dos *paparazzi*, os repórteres fotográficos das chamadas revistas de fofocas.

## Televisão

### Como ator

Ano	Trabalho	Emissora	Personagem	Notas
1982	<a href="#">Sol de Verão</a>	<a href="#">Rede Globo</a>	Romeu	
1982 e 1983	<a href="#">Caso Verdade</a>	Rede Globo	Jan	episódios "Jan e Jim" e "Choque de Gerações"
1983 e 1991	<a href="#">Caso Especial</a>	Rede Globo		episódios "Insensato coração" e "Marina"
1984	<a href="#">Livre para Voar</a>	Rede Globo	Sérgio	
1984	<a href="#">Amor com Amor se Paga</a>	Rede Globo	Renato	
1985/1986	<a href="#">Armação Ilimitada</a>	Rede Globo	Ray Telvis / Walter José	
1986	<a href="#">Selva de Pedra</a>	Rede Globo	Miro	
1987	<a href="#">O Outro</a>	Rede Globo	João Silvério	
1989	<a href="#">Tieta</a>	Rede Globo	Miguel	
1990	<a href="#">Mico Preto</a>	Rede Globo	Zé Luís (José Luís Menezes Garcia) Arnaldo Menezes Garcia	
1992	<a href="#">As Noivas de Copacabana</a>	Rede Globo	Donato de Castro Menezes	

FLORBELA ESPANCA – Poetisa Portuguesa – 1894 - 1930

Ano	Trabalho	Emissora	Personagem	Notas
1994	<a href="#">A Viagem</a>	Rede Globo	Raul Toledo	
1994 e 1998	<a href="#">Você Decide</a>	Rede Globo		episódios "Força estranha", "Intermezzo" e "O rapto da sogra"
1995	<a href="#">Cara &amp; Coroa</a>	Rede Globo	Mauro Alcântara Prates	
1996	<a href="#">Não Fuja da Raia</a>	Rede Globo	participação especial	
1996 a 2002	<a href="#">Sai de Baixo</a>	Rede Globo	Caco Antibes Dona Caca	
2001	<a href="#">Brava Gente</a>	Rede Globo	Olavo Bilac	Bilac vê estrelas
2002	<a href="#">A Grande Família</a>	Rede Globo	Wellington	
2003	<a href="#">Agora É que São Elas</a>	Rede Globo	Juca Tigre	
2005	<a href="#">Toma Lá, Dá Cá</a>	Rede Globo	Mário Jorge Dassoim	episódio piloto
2007 a 2009	<a href="#">Toma Lá, Dá Cá</a>	Rede Globo	Mário Jorge Dassoim	
2011	<a href="#">Aquele Beijo</a>	Rede Globo		Narrador e Autor Principal

Como autor

Ano	Trabalho	Emissora	Escalação	Parceiros titulares
1985	<a href="#">Tamanho Família</a>	<a href="#">Rede Manchete</a>	autor principal	
1988	<a href="#">Grupo Escolacho</a>	Rede Globo	autor principal	
1988	<a href="#">TV Pirata</a>	<a href="#">Rede Globo</a>	co-autoria roteiro	<a href="#">Casseta &amp; Planeta</a>
1990	<a href="#">Delegacia de Mulheres</a>	Rede Globo	autor principal	

---

**FLORBELA ESPANCA – Poetisa Portuguesa – 1894 - 1930**

---

Ano	Trabalho	Emissora	Escalção	Parceiros titulares
1996	<a href="#">Salsa e Merengue</a>	Rede Globo	autor principal	<a href="#">Maria Carmem Barbosa</a>
1997				
1996 a 2002	<a href="#">Sai de Baixo</a>	Rede Globo	autor principal roteiro final	<a href="#">Maria Carmem Barbosa</a> <a href="#">Euclides Marinho</a>
2005	<a href="#">A Lua me Disse</a>	Rede Globo	autor principal	<a href="#">Maria Carmem Barbosa</a>
2007 a 2009	<a href="#">Toma Lá, Dá Cá</a>	Rede Globo	autor principal roteiro final	<a href="#">Maria Carmem Barbosa</a>
2008				
2009	<a href="#">Negócio da China</a>	Rede Globo	autor principal	
2010	<a href="#">A Vida Alheia</a>	Rede Globo	autor principal roteiro final	
2011/2012	<a href="#">Aquele Beijo</a>	Rede Globo	autor principal	

**Como diretor**

Ano	Trabalho	Emissora	Escalção
-----	----------	----------	----------

1987 [Sassaricando](#) [Rede Globo](#) diretor geral

1988 [Grupo Escolacho](#) Rede Globo diretor geral

**Como apresentador**

Ano	Programa	Emissora	Escalção
-----	----------	----------	----------

1987 a [VÍdeo Show](#) [Rede Globo](#) apresentador geral  
2001

**Cinema****Como roteirista**

- 2001 - [A Partilha](#)
- 2008 - [Polaróides Urbanas](#) (também como diretor)

#### Como ator

- 1981 - [A Mulher Sensual](#)
- 1982 - [O Sonho Não Acabou](#) - Silveirinha
- 1984 - [Sole Nudo](#)
- 1985 - [O Beijo da Mulher-Aranha](#) - tenente
- 1986 - [Vento Sul](#)
- 1987 - [A Dama do Cine Shangai](#) - Lana
- 1990 - [Beijo 2348/72](#) - Zeca
- 1999 - [Zoando na TV](#) - Rodolfo Augusto
- 2001 - [A Partilha](#)
- 2004 - [Redentor](#) - Otávio Sabóia
- 2008 - [Cleópatra](#) - Júlio César

#### Como dublador

- 1996 - [Coração de Dragão](#) - Draco
- 1999 - [O Pequeno Stuart Little](#) - Snowbell
- 2001 - *Rugrats em Paris*
- 2002 - [O Pequeno Stuart Little 2](#) - Snowbell

**Em 2000 gravou o CD de poesias *Notícias de Mim*, baseado no livro homônimo da poetisa paulista Sandra Falcone, ao lado da atriz Elisa Lucinda e sob a direção de Gerson Steves.**

#### Teatro

##### Como autor

- 1982 – *Rock Horror Show*
- 1983 – *Apenas bons amigos*
- 1984 – *Classificados, Desclassificados*
- 1985 – *Miguel Falabella e Guilherme Karan, finalmente juntos e finalmente ao vivo*
- 1986 – *Pedra, a tragédia*
- 1988 – *As Sereias da Zona Sul*
- 1989 – *Brasil, a peça*
- 1990 – [A Partilha](#)
- 1992 – *Como encher um biquíni selvagem*
- 1992 – *No Coração do Brasil*
- 1993 – *Querido Mundo*
- 1994 – *Falabella solta os bichos*
- 1994 – *Louro, alto, solteiro, procura*
- 1995 – *A Maracutaia*
- 1996 – *Todo Mundo Sabe que todo mundo sabe*
- 1996 – *A Pequena Mártir de Cristo Rei*
- 1998 – *O Submarino*
- 2000 – *Os Monólogos da vagina*
- 2000 – [A vida passa](#)
- 2001 – *South American Way*
- 2001 – *Brasil, a Comédia*
- 2002 – *Capitanias Hereditárias*
- 2002 – *Godspell*
- 2003 – *Síndromes: loucos como nós*
- 2003 – *Veneza*

- 2004 – *Mulheres por um fio*
- 2006 – [Império](#)
- 2007 – *Um Marido Ideal*
- 2008 – *Os Produtores (versão nacional)*
- 2009 - *Hairspray (versão nacional)*
- 2010 - *A Gaiola das Loucas (versão nacional)*
- 2011 - *Cabaret (versão nacional)*
- 2012 - *Xanadu (versão nacional)*

#### Como ator

- 1972 – *O Bobalhão*
- 1973 – *Este ovo é um galo*
- 1978 – *A menina e o vento*
- 1978 – *As quatro patas do poder*
- 1978 – *O rapto das cebolinhas*
- 1979 – *O Despertar da Primavera*
- 1980 – *Happy end*
- 1982 – *A Tempestade*
- 1983 – *Apenas bons amigos*
- 1984 – *Galvez, o imperador do Acre*
- 1985 – *Miguel Falabella e Guilherme Karan, finalmente juntos e finalmente ao vivo*
- 1986 – *Batalha de arroz num ringue pra dois*
- 1987 – *Uma Noite com Stella Miranda e Miguel Falabella*
- 1994 – *Falabella solta os bichos*
- 1994 – *Louro, Alto, Solteiro, Procura*
- 1997 – *As Sereias da Zona Sul*
- 1998 – *O Submarino*
- 2000 – *Os Monólogos da vagina*
- 2000 – *A vida passa*
- 2001 – *O Beijo da Mulher-Aranha*
- 2003 – *O Pé da Árvore de Natal*
- 2003 – *Batalha de arroz num ringue para dois*
- 2008 – *Os Produtores*
- 2010 – *A Gaiola das Loucas*

#### Como diretor

- 1982 – *Rock Horror Show*
- 1984 – *Emily*
- 1985 – *Tupã, a vingança*
- 1987 – *Lúcia McCartney*
- 1988 – *O Rouxinol do Imperador*
- 1990 – [A Partilha](#)
- 1992 – *Como encher um biquíni selvagem*
- 1992 – *No Coração do Brasil*
- 1993 – *A Filha de Lúcifer*
- 1993 – *Querido Mundo*
- 1994 – *Falabella solta os bichos*
- 1994 – *A Falecida*
- 1995 – *A Maracutaia*
- 1996 – *A Bela do Alentejo*
- 1996 – *Florbela Espanca*

- 1996 – *Todo Mundo Sabe que todo mundo sabe*
- 1996 – *A Pequena Mártir de Cristo Rei*
- 2001 – *South American Way*
- 2002 – *Capitanias Hereditárias*
- 2002 – *Godspell*
- 2003 – *Batalha de arroz num ringue para dois*
- 2003 – *Veneza*
- 2004 – *A Primeira Noite de um homem*
- 2006 – [Império](#)
- 2008 – *Os Produtores*
- 2009 - *Hairspray*
- 2010 - *A Gaiola das Loucas*
- 2011 - *A Escola do Escândalo*
- 2012 - *Xanadu*

#### Como produtor

- 2002 - [Godspell](#)

#### Trabalhos no Carnaval] Como carnavalesco

- 1993 - [Império da Tijuca](#) (grupo A)
- 1994 - [Império da Tijuca](#) (grupo A)
- 1995 - [Império da Tijuca](#) (grupo A)
- 1996 - [Império da Tijuca](#) (grupo especial)
- 1997 - [Acadêmicos da Rocinha](#), com Flávio Tavares (grupo especial)

#### Livros

- *Pequenas alegrias* (Editora Objetiva)
- *Querido mundo e outras peças*, com [Maria Carmem Barbosa](#) (Lacerda Editora)
- *Le partage*
- [Império](#)
- [Vivendo Em Voz Alta](#)

#### Referências

1. [↑ http://teleseries.uol.com.br/toma-la-da-ca-termina-em-dezembro/](http://teleseries.uol.com.br/toma-la-da-ca-termina-em-dezembro/)
2. [↑ http://www.seriadosnopc.com/2009/11/toma-la-da-ca-ganha-versao-para-os.html](http://www.seriadosnopc.com/2009/11/toma-la-da-ca-ganha-versao-para-os.html)



<b>Índice</b>	<b>página</b>
<b>Florbela Espanca</b>	<b>01 – 13</b>
<b>Nicole Borger</b>	<b>14 – 18</b>
<b>Miguel Falabella</b>	<b>19 – 29</b>
<b>Poesias de Florbela Espanca</b>	
01 Amar	30
02 Caravelas	31
03 Meu fado	32
04 Voz que se cala	33
05 A vida em degraus	34
06 Saudades	35
07 Desejos vãos	36
08 Os olhos mentem	37
09 Maria das quimeras	38
10 Rústicas	39
11 Gosto de ti	40

12 Perdi meus fantásticos castelos		41
13 Inconstância		42
14 Último sonho		43
15 A morte		44
<b>Miguel Falabella</b>		<b>página</b>
16 Fanatismo	<b>Fagner</b>	45
17 Ser poeta	<b>Luís Represas - Falabella</b>	46
18 Minha culpa		47
19 Languidez		48
20 Versos de orgulho		49
21 Alma perdida		50
22 Frieza		51
23 Desejos vãos	<b>Mariza - Falabella</b>	52
24 Os versos que te fiz		53
25 De joelhos		54
26 Se tu viesses ver-me hoje		55
27 O nosso mundo		56
28 Interrogação		57
29 Para quê?		58
30 Sem remédio		59
31 O nosso livro		60
32 Blasfêmia		61
33 Volúpia		62
34 Disseram-me hoje, assim ao ver-te triste...		63
35 Angústia		64
36 Neurastenia		65
37 Noite de saudade		66
38 Cinzento		67
39 Anoiecer		68
40 Tortura		69
41 A minha dor		70
Comentários (A minha dor)		71
42 A noite desce		72
43 Panteísmo		73
44 As minhas ilusões		74
45 X ( <i>Eu queria mais altas as estrelas</i> )		75
46 Eu	<b>Rocha</b>	76

Comentários (Eu)	77
47 O maior bem	78
48 Nocturno	79
Poesias Completas (Biblioteca Portugal)	80
Livro de Mágoas	81
Prólogo (Livro de Mágoas)	82
Livro de Sórora Saudade	83
Prólogo do Livro Sórora Saudade	84
Afinado desconcerto	85
Sinopse (Afinado desconcerto)	86
Sempre tua	87
Sinopse (Sempre tua)	88
Poesias e Sonetos completos	89
Reliquiae	90
A vida e a alma de uma poetiza ( José C. Fernandes	91
Apresentação:	92
Antologia Poética José C. Fernandes	93
Laderzi's Gallery (site)	94
Poemas – Sonetos	95



Florbela com o irmão



Casa de Florbela em Esmoriz

## 01 - Amar!



**Florabela Espanca**

[Nicole Berger](#)

[Miguel Falabella](#)

Eu quero amar, amar perdidamente!  
Amar só por amar: aqui... Além...  
Mais Este e Aquele, o Outro e toda a gente...  
Amar! Amar! E não amar ninguém!

Recordar? Esquecer? Indiferente!...  
Prender ou desprender? É mal? É bem?  
Quem disser que se pode amar alguém  
Durante a vida inteira é porque mente!

Há uma primavera em cada vida:  
É preciso cantá-la assim florida,  
Pois se Deus nos deu voz, foi pra cantar!

E se um dia hei de ser pó, cinza e nada  
Que seja a minha noite uma alvorada,  
Que me saiba perder... Pra me encontrar...

## 02 – Caravelas



Florbela Espanca

[Nicole Borger](#)

Ceguei a meio da vida já cansada  
De tanto caminhar! Já me perdi!  
Dum estranho país que nunca vi  
Sou neste mundo imenso a exilada.

Tanto tenho aprendido e não sei nada.  
E as torres de marfim que construí  
Em trágica loucura as destruí  
Por minhas próprias mãos de malfadada!

Se eu sempre fui assim este Mar Morto:  
Mar sem marés, sem vagas e sem porto  
Onde velas de sonhos se rasgaram!

Caravelas doiradas a bailar...  
Ai quem me dera as que eu deitei ao Mar!  
As que eu lancei à vida, e não voltaram!...

### 03 – Meu fado



Florabela Espanca

[Nicole Borger](#)

Corre a noite de manso, num murmúrio,  
Abre a rosa bendita do luar,  
Soluçam ais estranhos de guitarra,  
Um gemido de amor anda no ar.

Há um repouso imenso em toda a terra,  
Parece a própria noite a escutar  
E o canto continua mais profundo  
Que página sentida de Mozart!

E' o fado. A canção das violetas  
Que foram almas tristes de poetas  
P'ra quem a vida foi uma desgraça!

Minha doce canção dos deserdados,  
Meu fado que alivias desgraçados  
Bendita sejas tu, cheia de graça.

#### 04 - Voz que se cala



**Florabela Espanca**

**[Nicole Borger](#)**

Amo as pedras, os astros e o luar  
Que beija as ervas do atalho escuro,  
Amo as águas de anil e o doce olhar  
Dos animais, divinamente puro.

Amo a hera que entende a voz do muro  
E dos sapos o brando tilintar  
De cristais que se afogam devagar,  
E da minha charneca o rosto duro.

Amo todos os sonhos que se calam  
De corações que sentem e não falam,  
Tudo o que é Infinito e pequenino!

Asa que nos protege a todos nós!  
Solução imenso, eterno, que é a voz  
Do nosso grande e mísero Destino!...

## 05 – A vida em degraus (VIII)



Florbela Espanca

[Nicole Borger](#)

Abrir os olhos, procurar a luz,  
De coração erguido no alto, em chama,  
Que tudo neste mundo se reduz  
A ver os astros cintilar na lama!

Amar o sol da glória e a voz da fama  
Que em clamorosos gritos se traduz!  
Com misericórdia, amar quem nos não ama,  
E deixar que nos preguem numa cruz!

Sobre um sonho desfeito erguer a torre  
Doutro sonho mais alto e, se esse morre,  
Mais outro e outro ainda, toda a vida!

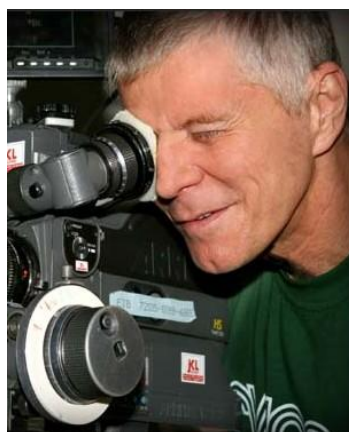
Que importa que nos vençam desenganos,  
Se pudermos contar os nossos anos  
Assim como degraus duma subida?

06 – Saudades

Florbela Espanca

[Nicole Borger](#)

[Miguel Falabella](#)



Saudades! Sim... Talvez... E porque não?...

Se o nosso sonho foi tão alto e forte

Que bem pensara vê-lo até a morte

Deslumbrar-me de luz o coração!

Esquecer! Para quê?... Ah! Como é vão!

Que tudo isso, Amor, nos não importe.

Se ele deixou beleza que conforto

Deve-nos ser sagrado como o pão!

Quantas vezes, Amor, já te esqueci,

Para mais doidamente me lembrar,

Mais doidamente me lembrar de ti!

E quem dera que fosse sempre assim:

Quanto menos quisesse recordar

Mais a saudade andasse presa a mim

## 07 - Desejos vãos



**Florbela Espanca**

**[Nicole Borger](#)**

Eu queria ser o Mar de altivo porte  
Que ri e canta, a vastidão imensa!  
Eu queria ser a Pedra que não pensa,  
A pedra do caminho, rude e forte!

Eu queria ser o Sol, a luz intensa,  
O bem do que é humilde e não tem sorte!  
Eu queria ser a Árvore tosca e tensa  
Que ri do mundo vão e até da morte!

Mas o Mar também chora de tristeza...  
As árvores também, como quem reza,  
Abrem, aos Céus, os braços, como um crente!

E o Sol, altivo e forte, ao fim de um dia,  
Tem lágrimas de sangue na agonia!  
E as Pedras... Essas... Pisa-as toda a gente!...

## 08 – Os olhos não mentem



**Florabela Espanca**

**Nicole Borger**

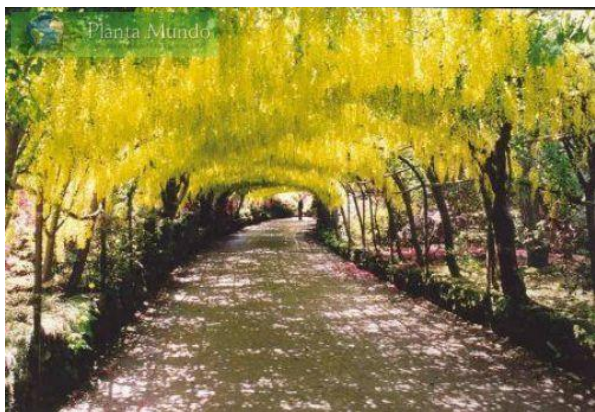
Eu sei que me tens amor,  
Bem o leio no teu olhar,  
O amor quando é sentido  
Não se pode disfarçar.

Os olhos são indiscretos;  
Revelam tudo que sentem,  
Podem mentir os teus lábios,  
Os olhos, esses, não mentem.

Quando o teu olhar infindo  
Pousa no meu, quase a medo  
Temo que alguém adivinhe  
O nosso casto segredo

Bendita seja a desgraça,  
Bendita a fatalidade,  
Benditos sejam teus olhos  
Onde anda a minha saudade.

09 – Maria das quimeras - { Livro de Soror Saudade, Poemas }



Florbel espanca

[Nicole Borger](#)

Maria das Quimeras me chamou  
Alguém.. Pelos castelos que eu ergui  
P'las flores d'ouro e azul que a sol teci  
Numa tela de sonho que estalou.

Maria das Quimeras me ficou;  
Com elas na minh'alma adormeci.  
Mas, quando despertei, nem uma vi  
Que da minh'alma, Alguém, tudo levou!

Maria das Quimeras, que fim deste  
Às flores d'ouro e azul que a sol bordaste,  
Aos sonhos tresloucados que fizeste?

Pelo mundo, na vida, o que é que esperas?...  
Aonde estão os beijos que sonhaste,  
Maria das Quimeras, sem quimeras?...

10 – Rústica - { Charneca em Flor, Poemas }



Florabela Espanca

[Nicole Borger](#)

Ser a moça mais linda do povoado,  
Pisar, sempre contente, o mesmo trilho,  
Ver descer sobre o ninho aconchegado  
A bênção do Senhor em cada filho.

Um vestido de chita bem lavado,  
Cheirando a alfazema e a tomilho...  
Com o luar matar a sede ao gado,  
Dar às pombas o sol num grão de milho...

Ser pura como a água da cisterna,  
Ter confiança numa vida eterna  
Quando descer à “terra da verdade”...

Meu Deus, dai-me esta calma, esta pobreza!  
Dou por elas meu trono de Princesa,  
E todos os meus Reinos de Ansiedade.

## 11- Gosto de ti



Florbela Espanca

[Nicole Borger](#)

Gosto de ti apaixonadamente,  
De ti que és a vitória, a salvação,  
De ti que me trouxeste pela mão  
Até ao brilho desta chama quente.

A tua linda voz de água corrente  
Ensinou-me a cantar... e essa canção  
Foi ritmo nos meus versos de paixão,  
Foi graça no meu peito de descrente.

Bordão a amparar minha cegueira,  
Da noite negra o mágico farol,  
Cravos rubros a arder numa fogueira.

E eu, que era neste mundo uma vencida,  
Ergo a cabeça ao alto, encaro o Sol!  
- Águia real, apontas-me a subida!

## 12 – Perdi os meus fantásticos Castelos – “Castelos” “A Mensageira das Violetas”



**Florabela Espanca**

**[Nicole Borger](#)**

Perdi meus fantásticos castelos

Como névoa distante que se esfuma...

Quis vencer, quis lutar, quis defendê-los:

Quebrei as minhas lanças uma a uma!

Perdi minhas galerias entre os gelos

Que se afundaram sobre um mar de bruma...

- Tantos escolhos! Quem podia vê-los? –

Deitei-me ao mar e não salvei nenhuma!

Perdi a minha taça, o meu anel,

A minha cota de aço, o meu corcel,

Perdi meu elmo de ouro e pedrarias...

Sobem-me aos lábios súplicas estranhas...

Sobre o meu coração pesam montanhas...

Olho assombrada as minhas mãos vazias...

### 13 - Inconstância



**Florbela Espanca**

**Nicole Borger**

**Miguel Falabella**

Procurei o amor, que me mentiu.  
Pedi à vida mais do que ela dava;  
Eterna sonhadora edificava  
Meu castelo de luz que me caiu!

Tanto clarão nas trevas refulgiu,  
E tanto beijo a boca me queimava!  
E era o sol que os longes deslumbrava  
Igual a tanto sol que me fugiu!

Passei a vida a amar e a esquecer...  
Atrás do sol dum dia outro a aquecer  
As brumas dos atalhos por onde ando...

E este amor que assim me vai fugindo  
É igual a outro amor que vai surgindo,  
Que há de partir também... Nem eu sei quando...

## 14 – Último sonho - de “Sóror Saudade”



Florabela Espanca

[Nicole Borger](#)

Àquele que se perdera no caminho...

Sóror Saudade abriu a sua cela...

E, num encanto que ninguém traduz,

Despiu o manto negro que era dela,

Seu vestido de noiva de Jesus.

E a noite escura, extasiada ao vê-la,

As brancas mãos no peito quase em cruz,

Teve um brilhar feérico de estrela

Que se esfolhasse em pétalas de luz!

Sóror Saudade olhou... Que olhar profundo

Que sonha e espera?... Ah! como é feio o mundo.

E os homens vão! - Então, devagarinho,

Sóror Saudade entrou no seu convento...

E, até morrer, rezou, sem um lamento,

Por Um que se perdera no caminho!...

## 15 - À morte



**Florabela Espanca**

**Nicole Borger**

Morte, minha Senhora Dona Morte,  
Tão bom que deve ser o teu abraço!  
Lânguido e doce como um doce laço  
E, como uma raiz, sereno e forte.

Não há mal que não sare ou não conforte  
Tua mão que nos guia passo a passo,  
Em ti, dentro de ti, no teu regaço  
Não há triste destino nem má sorte.

Dona Morte, dos dedos de veludo,  
Fecha-me os olhos que já viram tudo!  
Prende-me às asas que voaram tanto!

Vim da Moirama, sou filha de rei,  
Má fada me encantou e aqui fiquei  
À tua espera... quebra-me o encanto!

16 – Fanatismo - { Livro de Soror Saudade, Poemas } [Fagner vídeo](#)



**Florabela Espanca**



**Fagner** CD Traduzir-se 1981

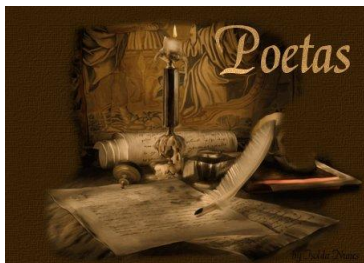
Minh'alma, de sonhar-te, anda perdida  
Meus olhos andam cegos de te ver!  
Não és sequer razão de meu viver,  
Pois que tu és já toda a minha vida!

Não vejo nada assim enlouquecida...  
Passo no mundo, meu Amor, a ler  
No misterioso livro do teu ser  
A mesma história tantas vezes lida!

“Tudo no mundo é frágil, tudo passa...”  
Quando me dizem isto, toda a graça  
Duma boca divina fala em mim!

E, olhos postos em ti, vivo de rastros:  
“Ah! Podem voar mundos, morrer astros,  
Que tu és como Deus: princípio e fim!...”

## 17 - Ser Poeta



**Florbela Espanca**

**Luís Represas** (*música*)

**Miguel Falabella**

**Luís Represas** (*vídeo*)

Ser poeta é ser mais alto, é ser maior  
Do que os homens! Morder como quem beija!  
É ser mendigo e dar como quem seja  
Rei do Reino de Aquém e de Além Dor!

É ter de mil desejos o esplendor  
E não saber sequer que se deseja!  
É ter cá dentro um astro que flameja,  
É ter garras e asas de condor!

É ter fome, é ter sede de Infinito!  
Por elmo, as manhãs de ouro e de cetim...  
É condensar o mundo num só grito!

E é amar-te, assim perdidamente...  
É seres alma, e sangue, e vida em mim  
E dizê-lo cantando a toda a gente!

**18 - Minha Culpa** · { Charneca em Flor, Poemas }



**Florbela Espanca**



**Miguel Falabella**

Sei lá! Sei lá! Eu sei lá' bem  
Quem sou? Um fogo-fatuo, uma miragem...  
Sou um reflexo... um canto de paisagem  
Ou apenas cenário! Um vaivém

Como a sorte: hoje aqui, depois alem!  
Sei lá quem sou? Sei lá! Sou a roupagem  
De um doido que partiu numa romagem  
E nunca mais voltou! Eu sei lá quem!...

Sou um verme que um dia quis ser astro...  
Uma estatua truncada de alabastro...  
Uma chaga sangrenta do Senhor...

Sei lá quem sou?! Sei lá! Cumprindo os fados,  
Num mundo de maldades e pecados,  
Sou mais um mau, sou mais um pecador...

19- **Languidez** { Livro de Mágoas, Poemas }



**Florabela Espanca**



**Miguel Falabella**

Tardes da minha terra, doce encanto,  
Tardes duma pureza de açucenas,  
Tardes de sonho, as tardes de novenas,  
Tardes de Portugal, as tardes d'Anto,

Como eu vos quero e amo! Tanto! Tanto!...

Horas benditas, leves como penas,  
Horas de fumo e cinza, horas serenas,  
Minhas horas de dor em que eu sou santo!

Fecho as pálpebras roxas, quase pretas,  
Que pousam sobre **duas violetas**,  
Asas leves cansadas de voar...

E a minha boca tem uns beijos mudos...  
E as minhas mãos, uns pálidos veludos,  
Traçam gestos de sonho pelo ar...

20 - Versos de orgulho· { Charneca em Flor, Poemas }



**Florbela Espanca**

**Miguel Falabella**

O mundo quer-me mal porque ninguém  
Tem asas como eu tenho! Porque Deus  
Me fez nascer Princesa entre plebeus  
Numa torre de orgulho e de desdém.

Porque o meu Reino fica para além...  
Porque trago no olhar os vastos céus  
E os ouros e clarões são todos meus!  
Porque eu sou Eu e porque Eu sou Alguém!

O mundo ? O que é o mundo, ó meu Amor?  
- O jardim dos meus versos todo em flor...  
A seara dos teus beijos, pão bendito...

Meus êxtases, meus sonhos, meus cansaços...  
- São os teus braços dentro dos meus braços,  
Via Láctea fechando o Infinito.

## 21 - Alma perdida



**Florabela Espanca**



**Miguel Falabella**

Toda esta noite o **rouxinol** chorou,  
Gemeu, rezou, gritou perdidamente!  
Alma de rouxinol, alma da gente,  
Tu és, talvez, alguém que se finou!

Tu és, talvez, um sonho que passou,  
Que se fundiu na Dor, suavemente...  
Talvez sejas a alma, a alma doente  
D'alguém que quis amar e nunca amou!

Toda a noite choraste... E eu chorei  
Talvez porque, ao ouvir-te, adivinhei  
Que ninguém é mais triste do que nós!

Contaste tanta coisa à noite calma,  
Que eu pensei que tu eras a minh'alma  
Que chorasse perdida em tua voz!...

22 - Frieza · { Livro de Sórora Saudade, Poemas }



**Florabela Espanca**



**Miguel Falabella**

Os teus olhos são frios como espadas,  
E claros como os trágicos punhais;  
Têm brilhos cortantes de metais  
E fulgores de lâminas geladas.

Vejo neles imagens retratadas  
De abandonos cruéis e desleais,  
Fantásticos desejos irreais,  
E todo o ouro e o sol das madrugadas!

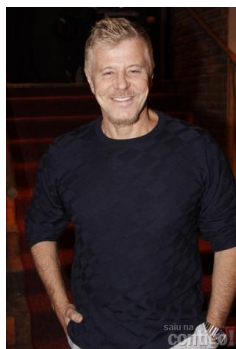
Mas não te invejo, Amor, essa indiferença,  
Que viver neste mundo sem amar  
É pior que ser cego de nascença!

Tu invejas a dor que vive em mim!  
E quanta vez dirás a soluçar:  
“Ah! Quem me dera, Irmã, amar assim!...”

### 23 - Desejos vãos – Florbela Espanca



[Mariza](#) - HD Fado Live Lisboa



[Miguel Falabella](#)

Eu q'ria ser o Mar d'altivo porte  
Que ri e canta, a vastidão imensa!  
Eu q'ria ser a pedra que não pensa,  
A pedra do caminho, rude e forte!

Eu queria ser o sol, a luz intensa,  
O bem do que é humilde e não tem sorte!  
Eu q'ria ser a árvore tosca e densa  
Que ri do mundo vão e até da morte!

Mas o Mar também chora de tristeza...  
As árvores também, como quem reza,  
Abrem, aos Céus, os braços, como um crente!

E o Sol altivo e forte, ao fim dum dia,  
Tem lágrimas de sangue na agonia!  
E as Pedras... essas... Pisa-as toda a gente!...

24 - Os versos que te fiz · { Livro de Sórora Saudade, Poemas }



**Florabela Espanca**



**Miguel Falabella**

Deixa dizer-te os lindos versos raros  
Que a minha boca tem pra te dizer!  
São talhados em mármore de Paros  
Cinzelados por mim pra te oferecer.

Têm dolência de veludos caros,  
São como sedas pálidas a arder...  
Deixa dizer-te os lindos versos raros  
Que foram feitos pra te endoidecer!

Mas, meu Amor, eu não tos digo ainda...  
Que a boca da mulher é sempre linda  
Se dentro guarda um verso que não diz!

Amo-te tanto! E nunca te beijei...  
E nesse beijo, amor, que eu te não dei  
Guardo os versos mais lindos que te fiz!

## 25 - De joelhos



**Florbela Espanca**

"Bendita seja a Mãe que te gerou."  
Bendito o leite que te fez crescer.  
Bendito o berço aonde te embalou  
A tua ama, para te adormecer!

Bendita essa canção que acalentou  
Da tua vida o doce alvorecer...  
Bendita seja a Lua, que inundou  
De luz, a Terra, só para te ver...

Benditos sejam todos que te amarem,  
As que em volta de ti ajoelharem  
Numa grande paixão fervente e louca!

E se mais que eu, um dia, te quiser  
Alguém, bendita seja essa Mulher,  
Bendito seja o beijo dessa boca!



**Miguel Falabella**

## 26 - Se tu viesses ver-me hoje à tardinha



**Florbela Espanca**



**Miguel Falabella**

Se tu viesses ver-me hoje à tardinha,  
A essa hora dos mágicos cansaços,  
Quando a noite de manso se avizinha,  
E me prendesses toda nos teus barcos...

Quando me lembra: esse sabor que tinha  
A tua boca... O eco dos teus passos...  
O teu riso de fonte... Os teus abraços...  
Os teus beijos... A tua mão na minha...

Se tu viesses quando, linda e louca,  
Traça as linhas dulcíssimas dum beijo  
E é de seda vermelha e canta e ri

E é como um cravo ao sol a minha boca...  
Quando os olhos se me cerram de desejo...  
E os meus braços se estendem para ti...

## 27 - O nosso mundo



**Florbela Espanca**



**Miguel Falabella**

Eu bebo a vida, a vida, a longos tragos  
Como um divino vinho de Falerno!  
Pousamos em ti o meu amor eterno  
Como pousam as folhas sobre os lagos.

Os meus sonhos agora são mais vagos...  
O teu olhar em mim, hoje, é mais terno...  
E a vida já não é o rubro inferno  
Todo fantasmas tristes e pressagos!

A vida, meu amor, quero vivê-la!  
Na mesma taça erguida em tuas mãos,  
Bocas unidas hemos de bebê-la!

Que importa o mundo e as ilusões defuntas?  
Que importa o mundo e seus orgulhos vãos?  
O mundo, amor?...As nossas bocas juntas...

## 28 - Interrogação - "Charneca em Flor"



**Florbela Espanca**



**Miguel Falabella**

Neste tormento inútil, neste empenho  
De tornar em silêncio o que em mim canta,  
Sobem-me roucos brados à garganta  
Num clamor de loucura que contenho.

Ó alma de charneca sacrossanta,  
Irmã da alma rútila que eu tenho,  
Dize pra onde vou, donde é que venho  
Nesta dor que me exalta e me alevanta!

Visões de mundos novos, de infinitos,  
Cadências de soluços e de gritos,  
**Fogueira** a esbrasear que me consome!

Dize que mão é esta que me arrasta?  
Nódoa de sangue que palpita e alastra...  
Dize de que é que eu tenho sede e fome?!

29 - Para quê?· { Livro de Mágoas, Poemas }



**Florabela Espanca**



**Miguel Falabella**

Tudo é vaidade neste mundo vão...  
Tudo é tristeza, tudo é pó, é nada!  
E mal desponta em nós a madrugada,  
Vem logo a noite encher o coração!

Até o amor nos mente, essa canção  
Que o nosso peito ri à gargalhada,  
Flor que é nascida e logo desfolhada,  
Pétalas que se pisam pelo chão!...

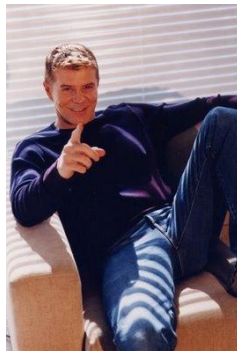
Beijos de amor! Pra quê?! ... Tristes vaidades!  
Sonhos que logo são realidades,  
Que nos deixam a alma como morta!

Só neles acredita quem é louca!  
Beijos de amor que vão de boca em boca,  
Como pobres que vão de porta em porta!...

### 30 - Sem remédio



**Florbela Espanca**



**Miguel Falabella**

Aqueles que me têm muito amor  
Não sabem o que sinto e o que sou...  
Não sabem que passou, um dia, a Dor  
À minha porta e, nesse dia, entrou.

E é desde então que eu sinto este pavor,  
Este frio que anda em mim, e que gelou  
O que de bom me deu Nosso Senhor!  
Se eu nem sei por onde ando e onde vou!!

Sinto os passos de Dor, essa cadência  
Que é já tortura infinda, que é demência!  
Que é já vontade doida de gritar!

E é sempre a mesma mágoa, o mesmo **tédio**,  
A mesma angústia funda, sem remédio,  
Andando atrás de mim, sem me largar!

31 - O nosso livro { Livro de Sórora Saudade, Poemas }



**Florbela Espanca**



[Miguel Falabella](#)

Livro do meu amor, do teu amor,  
Livro do nosso amor, do nosso peito...  
Abre-lhe as folhas devagar, com jeito,  
**Como se fossem pétalas de flor.**

Olha que eu outro já não sei compor  
Mais santamente triste, mais perfeito  
Não esfolhes os lírios com que é feito  
Que outros não tenho em meu jardim de dor!

Livro de mais ninguém! Só meu! Só teu!  
Num sorriso tu dizes e digo eu:  
Versos só nossos mas que lindos sois!

Ah, meu Amor! Mas quanta, quanta gente  
Dirá, fechando o livro docemente:  
“Versos só nossos, só de nós os dois!...”

32 - **Blasfêmia** { Livro de Mágoas, Poemas }



**Florbela Espanca**



**Miguel Falabella**

Silêncio, meu Amor, não digas nada!  
Cai a noite nos longes donde vim...  
Toda eu sou alma e amor, sou um jardim,  
Um pátio alucinante de Granada!

Dos meus cílios a sombra enluarada,  
Quando os teus olhos descem sobre mim,  
Traça trêmulas hastes de jasmim  
Na palidez da face extasiada!

Sou no teu rosto a luz que o alumia,  
Sou a expressão das tuas mãos de raça,  
E os beijos que me dás já foram meus!

Em ti sou Glória, Altura e Poesia!  
E vejo-me milagre cheio de graça! ...  
Dentro de ti, em ti igual a Deus!...

33 – Volúpia «Charneca em Flor, in «Poesia Completa»



**Florbela Espanca**



[Miguel Falabella](#)

No divino impudor da mocidade,  
Nesse êxtase pagão que vence a sorte,  
Num frêmito vibrante de ansiedade,  
Dou-te o meu corpo prometido à morte!

A sombra entre a mentira e a verdade...  
A **nuvem** que arrastou o vento norte...  
- Meu corpo! Trago nele um vinho forte:  
Meus beijos de volúpia e de maldade!

Trago dalias vermelhas no regaço...  
São os dedos do sol quando te abraço,  
Cravados no teu peito como lanças!

E do meu corpo os leves arabescos  
Vão-te envolvendo em círculos dantescos  
Felinamente, em voluptuosas danças...

### 34 - Disseram-me hoje, assim, ao ver-me triste...



**Florbela Espanca**



**Miguel Falabella**

"Disseram-me hoje, assim, **ao ver-me triste**:

"Parece Sexta-Feira de Paixão.

Sempre a cismar, cismar de olhos no chão,

Sempre a pensar na dor que não existe...

O que é que tem?! Tão nova e sempre triste!

Faça por estar contente! Pois então?!..."

Quando se sofre, o que se diz é vão...

Meu coração, tudo, calado, ouviste...

Os meus males ninguém mos adivinha...

A minha Dor não fala, anda sozinha...

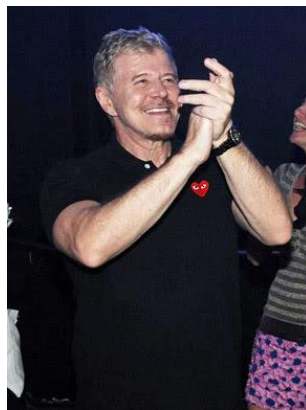
Dissesse ela o que sente! Ai quem me dera!...

Os males de Antó toda a gente os sabe!

Os meus ...ninguém... A minha Dor não cabe

Em cem milhões de versos que eu fizera!...

### 35 – Angústia



#### Florabela Espanca

#### [Miguel Falabella](#)

Tortura do pensar! Triste lamento!

Quem nos dera calar a tua voz!

Quem nos dera cá dentro, muito a sós,

Estrangular a hidra num momento!

E não se quer pensar!... E o pensamento

Sempre a morder-nos bem, dentro de nós...

Querer apagar no céu - ó sonho atroz! -

O brilho duma estrela com o vento!...

E não se apaga, não... Nada se apaga!

Vem sempre rastejando como a vaga...

Vem sempre perguntando: "O que te resta?..."

Ah! Não ser mais que o vago, o infinito!

Ser pedaço de gelo, ser granito,

Ser rugido de tigre na floresta!

### 36 – Neurastenia



#### Florbela Espanca

Sinto hoje a alma cheia de tristeza!  
Um sino dobra em mim Ave-Marias!  
Lá fora, a chuva, brancas mãos esguias,  
Faz na vidraça rendas de Veneza...

O vento desganhado chora e reza  
Por alma dos que estão nas agonias!  
E flocos de neve, aves brancas, frias,  
Batem as asas pela Natureza...

Chuva... Tenho tristeza! Mas porquê?!  
Vento... Tenho saudades! Mas de quê?!  
Ó neve que destino triste o nosso!

Ó chuva! Ó vento! Ó neve! Que tortura!  
Gritem ao mundo inteiro esta amargura,  
Digam isto que sinto que eu não posso!...

#### Miguel Falabella

37 - Noite de saudade- { A mensageira das violetas, Poemas }



**Florbela Espanca**

**Miguel Falabella**

A noite vem pousando devagar  
Sobre a terra que inunda de amargura...  
E nem sequer a bênção do luar  
A quis tornar divinamente pura...

Ninguém vem atrás dela a acompanhar  
A sua dor que é cheia de tortura...  
E eu ouço a noite a soluçar!  
E eu ouço soluçar a noite escura!

Por que é assim tão ´scura, assim tão triste?!  
É que, talvez, ó noite, em ti existe  
Uma saudade igual à que eu contenho!

Saudade que eu nem sei donde me vem...  
Talvez de ti, ó noite!... Ou de ninguém!...  
Que eu nunca sei quem sou, nem o que tenho!

**38 – Cinzento**

"Livro de Sórora Saudade"



**Florabela Espanca**

**Miguel Falabella**

Poeiras de crepúsculos cinzentos.  
Lindas rendas velhinhas, em pedaços,  
Prendem-se aos meus cabelos, aos meus braços,  
Como brancos fantasmas, sonolentos...

Monges soturnos deslizando lentos,  
Devagarinho, em misteriosos passos...  
Perde-se a luz em lânguidos cansaços...  
Ergue-se a minha cruz dos desalentos!

Poeiras de crepúsculos tristonhos,  
Lembram-me o fumo leve dos meus sonhos,  
A névoa das saudades que deixaste!

Hora em que teu olhar me deslumbrou...  
Hora em que a tua boca me beijou...  
Hora em que fumo e névoa te tornaste...

**39 - Anoitecer** (Livro de S3rora Saudade)



**Florabela Espanca**



**Miguel Falabella**

A luz desmaia num fulgor d'aurora,  
Diz-nos adeus religiosamente...  
E eu, que n3o creio em nada, sou mais crente  
Do que em menina, um dia, o fui... outrora...

N3o sei o que em mim ri, o que em mim chora  
Tenho b3n37oes d'amor pra toda a gente!  
Como eu sou pequenina e t3o dolente  
No amargo infinito desta hora!

Horas tristes que s3o o meu ros3rio...  
3 minha cruz de t3o pesado lenho!  
Meu 3spero e int3rmino Calv3rio!

E a esta hora tudo em mim revive:  
Saudades de saudades que n3o tenho...  
Sonhos que s3o os sonhos dos que eu tive...

#### 40 – Tortura



**Florabela Espanca**

**Miguel Falabella**

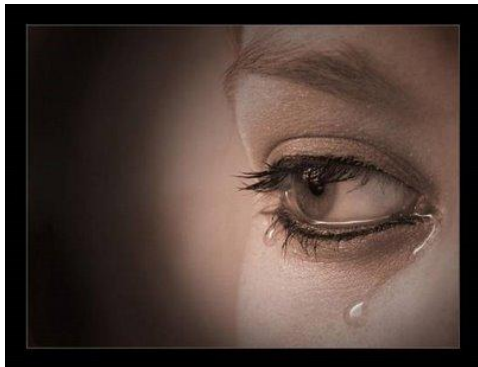
Tirar dentro do peito a Emoção,  
A lúcida Verdade, o Sentimento!  
– E ser, depois de vir do coração,  
Um punhado de cinza esparso ao vento! ...

Sonhar um verso de alto pensamento,  
E puro como um ritmo de oração!  
– E ser, depois de vir do coração,  
O pó, o nada, o sonho dum momento...

São assim ocos, rudes, os meus versos:  
Rimas perdidas, vendavais dispersos,  
Com que eu iludo os outros, com que minto!

Quem me dera encontrar o verso puro,  
O verso altivo e forte, estranho e duro,  
Que dissesse, a chorar, isto que sinto!!

41 - A Minha Dor · { Livro de Mágoas, Poemas }



**Florabela Espanca**



**[Miguel Falabella](#)**

A minha Dor é um convento ideal  
Cheio de claustros, sombras, arcarias,  
Aonde a pedra em convulsões sombrias  
Tem linhas dum requinte escultural.

Os sinos têm dobres de agonias  
Ao gemer, comovidos, o seu mal...  
E todos têm sons de funeral  
Ao bater horas, no correr dos dias...

A minha Dor é um convento. Há lírios  
Dum roxo macerado de martírios,  
Tão belos como nunca os viu alguém!

Nesse triste convento aonde eu moro,  
Noites e dias rezo e grito e choro,  
E ninguém ouve... ninguém vê... ninguém...

### Comentário:

Endereçado “a você” é como se fosse um desabafo ou uma carta em forma de soneto, direto e triste. Estão nele presentes símbolos que carregam o ambiente fúnebre e negro, estando a dor associada a um convento.

Palavras como “convulsões”, “sombrias”, “claustros”, “comovidos”, “funeral”, “roxos”, “grito”, “choro” indicam o ambiente noturno através da repetição do som [u].

Começa por descrever a sua dor como um convento (sendo um convento um lugar de solidão, afastado do mundo), mas apesar de sombrio e até medonho, confessa que tem algum “requinte”.

Se no início o convento parece um lugar sem barulho, calmo, o único som que se ouve são os sinos que gemem em tons de funeral todos os dias como se ela estivesse a caminhar dia para dia para a morte.

O belo está associado ao macabro ou pouco comum. Já que acha belos os lírios roxos (uma cor triste e melancólica).

No convento confessa por fim que está sozinha, e que apesar de gritar, chorar e rezar, ninguém vem em seu socorro.

O curioso neste soneto é a repetição da palavra “convento” e o vocabulário associado à religião tendo aqui uma conotação negativa.

Pode-se dizer que o convento em Florbela Espanca é, de fato, o mundo em que vivia, onde tudo era dor e que ninguém, apesar dos apelos, lhe respondia!

Em confronto com o primeiro soneto deste livro, Florbela Espanca refere que “somente a vossa dor de Torturados/ Pode, talvez, senti-lo... e compreendê-lo”.

Este soneto é um apelo a que respondamos ao seu choro e orações através da compreensão e sentimento.

O soneto tem um quê de terror já que Florbela Espanca escreve como se tivesse a morar num convento sozinha longe de tudo e de todos, mas no entanto este convento está cheio de “sombrias”, a única música ou movimento que há é o toque dos sinos que tocam músicas de funeral a toda a hora implicando que a cada hora que passa está cada vez mais perto da morte.

A solidão no fim tem recortes quase de loucura, já que confessa que grita e chora, sendo talvez a melhor conclusão associando-a à ideia de morte. Viria a morrer 26 anos depois...

## 42 - A noite desce



**Florabela Espanca**



**Miguel Falabella**

Como pálpebras roxas que tombassem  
Sobre uns olhos cansados, carinhosas,  
A noite desce... Ah! doces mãos piedosas  
Que os meus olhos tristíssimos fechassem!

Assim mãos de bondade me embalassem!  
Assim me adormecessem, caridosas,  
E em braçadas de lírios e mimosas,  
No crepúsculo que desce me enterrassem!

A noite em sombra e fumo se desfaz...  
Perfume de baunilha ou de lilás,  
A noite põe-me embriagada, louca!

E a noite vai descendo, muda e calma...  
Meu doce Amor, tu beijas a minh' alma  
Beijando nesta hora a minha boca!

**43- Panteísmo**

"Charneca em Flor"



**Florabela Espanca**

**[Miguel Falabella](#)**

Tarde de brasa a arder, sol de verão  
Cingindo, voluptuoso, o horizonte...  
Sinto-me luz e cor, ritmo e clarão  
Dum verso triunfal de Anacreonte!

Vejo-me asa no ar, erva no chão,  
Ouço-me gota de água a rir, na fonte,  
E a curva altiva e dura do Marão  
É o meu corpo transformado em monte!

E de braços na terra penso e cismo  
Que, neste meu ardente panteísmo  
Nos meus sentidos postos e absortos

Nas coisas luminosas deste mundo,  
A minha alma é o túmulo profundo  
Onde dormem, sorrindo, os deuses mortos!

44 - As minhas ilusões "Livro de Mágoas"



**Florbela Espanca**

**Miguel Falabella**

Hora sagrada dum entardecer  
De Outono, à beira-mar, cor de safira,  
Soa no ar uma invisível lira...  
O sol é um doente a enlanguescer...

A vaga estende os braços a suster,  
Numa dor de revolta cheia de ira,  
A doirada cabeça que delira  
Num último suspiro, a estremecer!

O sol morreu... E veste luto o mar...  
E eu vejo a urna de ouro, a balouçar,  
À flor das ondas, num lençol de espuma.

As minhas Ilusões, doce tesouro,  
Também as vi levar em urna de ouro,  
No mar da Vida, assim ...Uma por uma...

#### 45 - X - Eu queria mais altas as estrelas



**Florabela Espanca**

[Miguel Falabella](#)

Eu queria mais altas as estrelas,  
Mais largo o espaço, o Sol mais criador,  
Mais refulgente a Lua, o mar maior,  
Mais cavadas as ondas e mais belas;

Mais amplas, mais rasgadas as janelas  
Das almas, mais rosais a abrir em flor,  
Mais montanhas, mais asas de condor,  
Mais sangue sobre a cruz das caravelas!

E abrir os braços e viver a vida:  
- Quanto mais funda e lúgubre a descida,  
Mais alta é a ladeira que não cansa!

E, acabada a tarefa... Em paz, contente,  
Um dia adormecer, serenamente,  
Como dorme no berço uma criança!

46 - Eu – ( Livro de Mágoas )



**Florabela Espanca**

Eu sou a que no mundo anda perdida,  
Eu sou a que na vida não tem norte,  
Sou a irmã do Sonho, e desta sorte  
Sou a crucificada... a dolorida...

Sombra de névoa tênue e esvaecida,  
E que o destino amargo, triste e forte,  
Impele brutalmente para a morte!  
Alma de luto sempre incompreendida!...

Sou aquela que passa e ninguém vê...  
Sou a que chamam triste sem o ser...  
Sou a que chora sem saber porquê...

Sou talvez a visão que Alguém sonhou,  
Alguém que veio ao mundo pra me ver  
E que nunca na vida me encontrou!

**Luiz A. Batista da Rocha**

### Comentário:

Este soneto não é o primeiro do seu livro ‘Livro de Mágoas’ embora seja uma excelente autobiografia. Nela está contida a dor, a incompreensão que Florbela sofria e não percebia.

Florbela apresenta-se como uma mulher desnordeada, sem rumo na vida, desejando a evasão e sendo ligada com a irrealidade. “Crucificada” e “dolorida” são os adjetivos escolhidos para se caracterizar psicologicamente. Crucificada por não ser compreendida pelos maridos e não só; “dolorida” pela tristeza que trazia dentro de si.

A negridão débil e desfeita que o destino mais forte (triste e amargo) irá conduzi-la á morte. Note aqui um sentimento de predestinação e o sentimento que a culpa da sua morte é do destino. Termina a quadra com uma caracterização sua global “

Alma de luto” (morte / sombra) “sempre incompreendida” (Florbela compreendia muito bem que nem toda a gente a aceitava e a entendia e foi esse fator que a fez desenvolver os seus poemas)

No primeiro terceto destaca a falta de atenção, a discriminação, o estereótipo que sofria por toda a gente pensar que estava sempre triste, acabando por confessar não saber o porquê de muitas vezes chorar.

Florbela muitas vezes nos seus poemas confessa que não se sabe definir porque ainda não se encontrou, provavelmente a sua tristeza sistemática muitas vezes tinha um significado que ela própria nem sabia.

A predestinação do amor, do príncipe que era suposto vê-la e que nunca a encontrou. Talvez o melhor verso ou terceto que resuma a vida amorosa de Florbela Espanca. Uma vida cheia de amores, sem que nenhum fosse o certo.

## 47 - O MAIOR BEM



### Florabela Espanca

Este querer-te bem sem me queres,  
Este sofrer por ti constantemente,  
Andar atrás de ti sem tu me veres  
Faria piedade a toda a gente.

Mesmo a beijar-me, a tua boca mente...  
Quantos sangrentos beijos de mulheres  
Pousa na minha a tua boca ardente,  
E quanto engano nos seus vãos dizeres!...

Mas que me importa a mim que me não queiras,  
Se esta pena, esta dor, estas canseiras,  
Este mísero pungir, árduo e profundo,

Do teu frio desamor, dos teus desdéns,  
É, na vida, o mais alto dos meus bens  
É tudo quanto eu tenho neste mundo.

### Miguel Falabella

## 48 – NOCTURNO



### Florbel Espanca

Amor! Anda o luar, todo bondade,  
Beijando a Terra, a desfazer-se em luz...  
Amor! São os pés brancos de Jesus  
Que anda pisando as ruas da cidade!

E eu ponho-me a pensar... Quanta saudade  
Das ilusões e risos que em ti pus!  
Traças em mim os braços duma cruz,  
Neles pregaste a minha mocidade!

Minh'alma que eu te dei, cheia de mágoas,  
É nesta noite o nenúfar de um lago  
Estendendo as asas brancas sobre as águas!

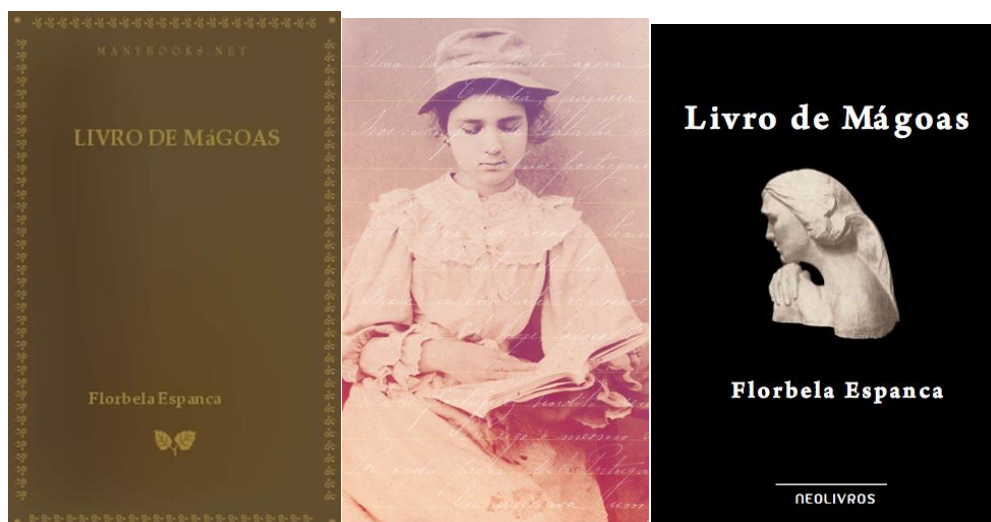
Pousa as mãos nos meus olhos, com carinho,  
Fecha-os num beijo dolorido e vago...  
E deixa-me chorar devagarinho...

### Miguel Falabella

## Florbela Espanca

### Poesias:

- [Amiga](#)
- [Desejos vão](#)
- [O meu impossível](#)
- [Silêncio!...](#)
- [Ser poeta](#)
- [Árvores do Alentejo](#)
- [Vaidade](#)
- [A maior Tortura](#)
- [Fanatismo](#)
- [Os versos que te fiz](#)
- [Ambiciosa](#)
- [Versos de orgulho](#)
- [Cantigas leva-as o vento...](#)
- [Poetas](#)
- [Folhas de rosa](#)
- [Súplica](#)
- [Vozes do mar](#)
- [Anseios](#)
- [Nunca mais!](#)
- [Balada](#)
- [Sonhos](#)
- [Só](#)
- [Escreve-me...](#)
- [Eu...](#)
- [Lágrimas ocultas](#)
- [Tédio](#)
- [Amar!](#)
- [Esperas...](#)
- [Horas rubras](#)
- [Mais alto](#)
- [Mistério](#)
- [As quadras dele](#)



**Florbela Espanca**

<http://inlivros.net/download/2378/livro-de-soror-saudade-florbela-espanca.html>

Capa do livro / Informações sobre o livro

Título Traduzido: **Livro de Mágoas - Florbela Espanca**

Título Original: Livro de Mágoas - Autora: Florbela Espanca

Ano de Lançamento: 1919 - Gênero: Poemas

Informações sobre o arquivo: Número de páginas: 13

#### **Sinopse Livro de Mágoas (ou Livro das Mágoas)**

È a primeira obra poética de Florbela Espanca editada.

**Saiu em Junho de 1919 em Lisboa** pela Tipografia Maurício graças a Raul Proença, um intelectual e crítico literário conceituado e influente, que reconheceu o talento da jovem poetisa.

O livro, inicialmente nomeado Primeiros Passos, tinha por base **onze poesias da coletânea Trocando Olhares**.

A autora enviou a Raul Proença a amostra da sua criação em **Julho de 1916**. Corrigiu os poemas conforme as sugestões do crítico e escreveu mais alguns para completar a sua primeira antologia.

**São trinta e dois sonetos dedicados ao pai ("A meu Pai. Ao meu melhor amigo") e ao irmão da poetisa ("À querida Alma irmã da minha. Ao meu irmão").**

Florbela centra-se na temática da mágoa, da dor e da saudade, inserindo-se, desde o início da obra, num contexto decadentista. Para assinalar o tom finissecular a antologia abre com uma epígrafe a **Eugénio de Castro** ("Procuremos somente a beleza...") e a **Verlaine** ("Isoléns dans l'amour...").

Ao longo da obra observa-se uma tendência para chorar e lamentar-se, manifestada especialmente em sonetos "Vaidade", "Neurastenia", "Castelã" e "Em Busca do Amor".

Abordando igualmente a temática do sonho, Florbela define para si um espaço poético único de comunicação entre os tristes e magoados.

A poetisa expõe esta intenção logo no primeiro soneto: "Este Livro...".

### **Prólogo**

Este livro é de mágoas. Desgraçados  
Que no mundo passais, chorai ao lê-lo!  
Somente a vossa dor de Torturados  
Pode, talvez, senti-lo ... compreendê-lo.  
Este livro é para vós. Abençoados  
Os que o sentirem , sem ser bom nem belo!  
Bíblia de tristes... Ó Desventurados,  
Que a vossa imensa dor se acalme ao vê-lo!  
Livro de Mágoas ... Dores ... Ansiedades!  
Livro de Sombras... Névoas e Saudades!  
Vai pelo mundo... (Trouxe-o no meu seio...)  
Irmãos na Dor, os olhos rasos de água,  
Chorai comigo a minha imensa mágoa,  
Lendo o meu livro só de mágoas cheio! ...





<http://inlivros.net/download/2378/livro-de-soror-saudade-florbela-espanca.html>

### Sinopse

**Livro de Sórora Saudade é um livro de poesia de Florbela Espanca publicado em Janeiro de 1923.** Editado em Lisboa pela Tipografia A Americana contém trinta e seis sonetos.

A poetisa iniciou o trabalho sobre a coletânea logo depois de ter editado a sua primeira obra, o **Livro de Mágoas (1919)**.

Primeiramente, o título do livro oscilou entre **Livro do Nosso Amor e Claustro de Quimeras**, conforme o atestam dois diferentes manuscritos depositados na Biblioteca Nacional de Lisboa.

O **Livro de Sórora Saudade é uma refundição dos dois manuscritos anteriores**. As provas tipográficas do volume acham-se também no espólio da Biblioteca Nacional de Lisboa.

**O livro era inicialmente dedicado ao segundo marido de Florbela, António Guimarães, mas a dedicatória incluída no Claustro de Quimeras acabou por não ser editada.**

Foi uma das numerosas alterações feitas no livro antes de ser publicado. Uma parte delas foi provavelmente introduzida pelo editor, **Francisco Lage (amigo de Florbela e dramaturgo)**.

A crítica reagiu positivamente aos novos versos da poetisa, com destaque para o "**Século da Noite**", que manifestou grande apreço pela obra recém-publicada.

Também o público apreciou o livro – a tiragem (duzentos exemplares custeados por João Maria Espanca ) esgotou-se rapidamente.

Florbela expõe no Livro de Sórora Saudade o sentimento vivo do amor e da paixão, pelo qual se entrega totalmente, e que fá-la despertar para a vida. Opta, portanto, por dar menos ênfase à temática da saudade antes abordada.

Por outro lado, Florbela reforça a importância do motivo do beijo na sua poesia, embora este livro, bem como o nome que lhe serve de título, "Sórora Saudade" representem uma fuga ao prazer.

"Ainda influenciado por uma tendência saudosista, o livro acusa igualmente a presença do romantismo de fim de século, acompanhado por um crescendo na abordagem erótica, destacando-se nele os sonetos «Maria das Quimeras» (de tom biográfico), «Hora que Passa», «Princesa Desalento» e (...) o poema que lhe empresta o título, «Sórora Saudade», um epíteto criado por Américo Durão."

#### Prólogo - "SÓRORA SAUDADE" - A Américo Durão

Irmã, Sórora Saudade me chamaste...  
E na minha alma o nome iluminou-se  
Como um vitral ao sol, como se fosse  
A luz do próprio sonho que sonhaste.  
Numa tarde de Outono o murmuraste,  
Toda a mágoa do Outono ele me trouxe,  
Jamais me hão de chamar outro mais doce.  
Com ele bem mais triste me tornaste...  
E baixinho, na alma da minha alma,  
Como bênção de sol que afaga e acalma,  
Nas horas más de febre e de ansiedade,  
Como se fossem pétalas caindo  
Digo as palavras desse nome lindo  
Que tu me deste: "Irmã, Sórora Saudade..."



Florbela 3 anos



<http://iluminuras.com.br/v1/verdetalheslivros.asp?cod=474>

**Sinopse:**

**Afinado desconserto Contos, cartas, diário**

Há aqui uma mulher desvestida em múltiplos trajes. Há aquela que adora desagradar, mas deplora que a originalidade a afaste dos homens. Há esta que, malgrado tudo, não abdica da sua maldição singular. Há também a pantera enjaulada (a bárbara da charneca), cujos uivos morrem asfixiados na voz. E ainda outras mais, com destaque para aquela que cumpre permanentemente o luto, pelo irmão ou por si mesma e, neste caso, apenas por ter nascido.

O fluxo destas prosas (ficcionais e autobiográficas) que, dos contos, atravessa as cartas para derramar-se no diário (derradeiro ato de Florbela) – é a pretendida nudez diante de um espelho, afinal ingrato, pois que a despe ainda em outra e outra, desconsolo fatal para quem, por fim, se buscava uma, muito embora se tivesse encenado em hidra de mil rostos, em face mutável do eterno feminino.

Trancada no seu palco (na sua cela de sóror, no desterro em que foi se emparedando, na solidão carcerária à imagem do casulo, da urna, do útero primevo), Florbela exhibe agora, pateticamente, sua tragédia pessoal, que (antes) ficara travestida no jogo das personagens de que (então) se investia nas suas produções.

Delta da fusão definitiva da arte e da vida, o diário as amalgama (de tal forma) que acaba por se dar a ler (nas síncopes dos seus pulsantes fragmentos) como uma vibrátil cartografia remissiva e fantasmática de tudo quanto escreveu, expondo o corpo (a caligrafia) de todos os textos.

Ondulam-se nele os motivos da sua poética e da sua narrativa: a nostalgia de um mundo aquém da vida, a perscrutação lírica, a confiança na Senhora Dona Morte, o louvor à instabilidade dos sentimentos, a glória de compreensão dos seres inanimados, o desafio à sorte sinistra, a melancolia dolorosa, a espera do Prince Charmant, a defesa do suicídio, a intuição oracular, o panteísmo, a aura saturnina, a revolta do interdito, o cumprimento da pena de ter nascido, a introspecção impressionista, a visão desencantada, os vasos comunicantes com o universo, o litúgio com o social, o sensualismo sedutor, a apreensão do circundante enquanto cambiantes da alma, o monólogo com a solidão, o envolvimento cósmico, o fazer sala no mundo.

O leitor encontra aqui os contos “**Carta da Herdade**”, “**À margem dum soneto**”, “**O regresso do filho**”, “**O aviador**”, “**Os mortos não voltam**”, “**O resto é perfume**”, “**O inventor**” e “**O sobrenatural**”: - aqueles dedicados ao feminino, à província alentejana e à morte (onde o fantástico faz a sua aparição na prosa de Florbela).

**Catorze peças da sua correspondência familiar buscam dar a conhecer ao leitor a relação epistolar de Florbela com o pai, a madrastra, o irmão, o namorado, os maridos, os cunhados.**

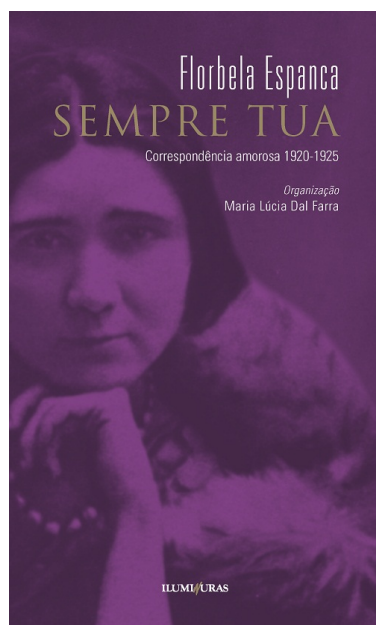
**Dezoito outras peças indicam o seu contato com o mundo intelectual português de então, dentre as quais se ressaltam as interlocuções com Américo Durão e com Raul Proença.**

A publicação do diário que, intermitentemente, Florbela escreve **durante 1930** se faz no contexto de todas as outras missivas por ela endereçadas neste último ano da sua existência, a fim de que essas confissões possam ser compreendidas também à luz dos mais triviais acontecimentos correntes.

Assim, convivem, ao lado de deambulações pungentes sobre a sua vida (inscritas tanto no diário quanto nas 24 cartas a Guido Battelli – o futuro editor das suas obras póstumas), um postal em francês ao seu médico, bilhetes de envio de coisas usadas à família do seu afilhado, cartas brincalhonas em “**alentejanês**” para o seu amigo de infância, notícias sobre a sua obra ao amigo jornalista, e a carta à amiga que virá para celebrar o seu aniversário... e o seu funeral.

Tudo em afinado desconcerto.

**Maria Lúcia Dal Farra**



<http://iluminuras.com.br/v1/verdetalheslivros.asp?cod=473>

## Sinopse

### Sempre Tua Correspondência amorosa 1920-1925

Estas cartas de amor, autógrafos de Florbela Espanca e conservadas inéditas até dezembro de 2008, foram escritas entre 1920 e 1925 para António Marques Guimarães, que tornar-se-ia o seu segundo marido.

O perfil de **Guimarães** é, aliás, muito diverso daquele do primeiro marido de Florbela, professor e seu ex-colega de liceu, e do derradeiro, médico. Profissão esta que, de resto, parece até legitimar uma generosa oferta a quando da exumação do corpo da esposa.

Saiba o leitor que 34 anos após o suicídio de Florbela, o médico Mário Lage faculta, aos desconsolados simpatizantes dela, que retirasse dos seus restos mortais, as “lembrancinhas” que julgassem convenientes... Numa (digamos) compadecida divisão comunitária de Florbela, numa espécie de comunhão do Mito: num civilizado (e imperdoável) ritual moderno de consentido canibalismo.

Teriam tais pessoas a esperança de que os souvenirs do corpo da poetisa lhes despertasse, por analogia mágica, o estro?!

Cada um dos dois maridos de Florbela (o primeiro e o último) tirou, à sua maneira, alguma coisa dela.

**Alberto Moutinho** usa, à revelia da escritora, todo o montante dos bens comuns para um negócio comercial marítimo que literalmente afunda, deixando Florbela sem vintém à época em que conhece Guimarães.

Este, que era alferes da Guarda Nacional Republicana, e a quem calhou todo o acervo literário e pessoal que a poetisa produzira até o momento em que o abandona às pressas – **jamais se valeu disso**. Ajudou a fundar, muito tempo depois da morte de Florbela, uma empresa que lhe propiciaria estar para sempre ao lado dela, na continuidade de um hábito adotado desde a separação (e valioso para a posteridade): o de colecionar os recortes da imprensa sobre a ex-mulher.

Assim, a publicação desta epistolografia (as únicas cartas de amor do punho de Florbela Espanca) resulta de um tipo de generosidade que nada tem a ver com aquela do dr. Lage.

E atesta a faísca que soldou (e eletrizou) durante cerca de cinco anos essas duas pessoas: o sexo. O teor da paixão que os une conserva a mesma temperatura tanto na “frieza” quanto nos choques que distanciarão o casal, incluindo, para além da intempestiva saída de cena de Florbela, o feitiço de amor que um soneto dela descarrega sobre Guimarães, e que o atinge por inteiro (e pela vida afora!) com seus sortilégios.

Transcorrida durante o período de completa turbulência política e social da Primeira República Portuguesa, essas cartas atestam uma Florbela atenta à vida pública, muito bem informada e com uma consciência política aguda – ao contrário da alienação que lhe atribuíram sempre.

De maneira que esta correspondência revela uma Florbela inesperada. Aliás, não apenas uma, mas diversas e várias: a Penélope, a estrategista, a grávida, a espirituosa, a destemida, a somatizadora, a capoeirista, a burguesa. E todas elas se enfeixam numa única mulher, saudosa do corpo do amante e que, sem constrangimento, lhe confessa o desejo – atrevimento que ultrapassa o limite puramente biográfico e que penetra com intensidade os seus poemas.

Só isso já a desloca do seu tempo, desirmanando-a de suas colegas de ofício. Mas há ainda outros lances que a trazem para bem mais perto da nossa contemporaneidade. Como uma precursora mulher moderna (pós-moderna?), Florbela tem a convicção de que somos animais históricos, e que é o tempo, com as mudanças que acarreta, aquilo que rege o amor, visto que este (assim como tudo o que existe) nasce, vive e morre...

Talvez por isso, para manter-se em dia com as transmutações impostas pela História, ela tanto se esforce por amar, amar, perdidamente!

Também para ela, o amor é “infinito enquanto dura” - como diria depois Vinicius. Mas Florbela é ainda mais peremptória que o nosso Poeta, quando assegura libertariamente: **Quem disser que pode amar alguém / Durante a vida inteira é porque mente!**

É esta a inefável Florbela que as presentes cartas entremostram. Esta que, já em 1922, e como se anunciasse uma nova era, inaugurava uma experiência que hoje em dia tornou-se um truísmo muito real, a contrapelo do... eterno romantismo que sempre se imputou a ela:

**Amar-te a vida inteira eu não podia. / A gente esquece sempre o bem dum dia. / Que queres, ó meu Amor, se é isso a vida?!**

**Sonetos Completos**

**Poesia Completa**



**Sonetos completos, Coimbra, 1934 [L. 26743 P.] - Ficha Bibliográfica**

**Índice**

[Anterosto]

[1] [Lista de obras] Da autora

[2] [Estampa: Busto da autora]

[2a] [Rosto]

[3] Livro de mágoas (1919)

[5] [7] [9] [10] [11] [12] [13] [14] [15] [16] [17] [18] [19] [20] [21] [22] [23] [24] [25] [26] [27] [28] [29] [30] [31] [32] [33] [34] [35] [36] [37] [38] [39] [40]

**Livro de Sórora Saudade (1923)**

[41] [43] [45] [46] [47] [48] [49] [50] [51] [52] [53] [54] [55] [56] [57] [58] [59] [60] [61] [62] [63] [64] [65] [66] [67] [68] [69] [70] [71] [72] [73] [74] [75] [76] [77] [78] [79] [80]

**Charneca em flor**

[81] [83] [85] [86] [87] [88] [89] [90] [91] [92] [93] [94] [95] [96] [97] [98] [99] [100] [101] [102] [103] [104] [105] [106] [107] [108] [109] [110] [111] [112] [113] [114] [115] [116] [117] [118] [119] [120] [121] [122] [123] [124] [125] [126] [127] [128] [129] [130] [131] [133] [134] [135] [136] [137] [138] [139] [140] [141] [142]

**Reliquiae**

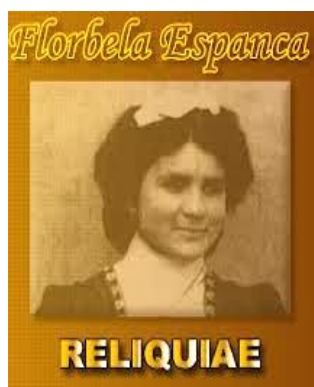
[143] [145] [146] [147] [148] [149] [150] [151] [152] [153] [154] [155] [156] [157] [158] [159] [160] [161] [162] [163] [164] [165] [166] [167] [168] [169] [170] [171] [172] [173] [174] [175] [176] [177]

**Traduções de Guido Battelli**

[179] [181] [182] [183] [184] [185] [186] [187] [188] [189] [190] [191] [192] [193] [194] [195] [196] [197] [198] [199] [200] [201] [202] [203] [204] [205] [206] [207] [208]

**Índice** [209] [210] [211]

**Errata** [212a]




[http://www.laderzi.com/florbelaespanca/florbela\\_reliquae.htm](http://www.laderzi.com/florbelaespanca/florbela_reliquae.htm)

Principal **Biografia** **Obra Poética**

'RELIQUIAE'

Título dado a este livro por Guido Battelli, que ficou depositário destes originais após a morte da poetisa. Foi publicado, como apêndice, nas 2ª e 3ª edições de 'Charneca em flor'.

**Florbela Espanca**



**RELIQUIAE**

**ÍNDICE - 31 sonetos**

01 - POBREZINHA	17 - O MEU DESEJO
02 - ROSEIRA BRAVA	18 - ESCRAVA
03 - NAVIOS-FANTASMAS	19 - DIVINO INSTANTE
04 - O MEU SONETO	20 - SILÊNCIO!...
05 - NIHIL NOVUM	21 - O MAIOR BEM
06 - ÉVORA	22 - OS MEUS VERSOS
07 - À JANELA DE GARCIA DE REZENDE	23 - AMOR QUE MORRE
08 - EM VÃO	24 - [SEM TÍTULO]
09 - PARA QUÊ?	25 - SOBRE A NEVE
10 - SONHO VAGO	26 - VÃO ORGULHO
11 - PRIMAVERA	27 - ÚLTIMO SONHO DE "SÓROR SAUDADE"
12 - BLASFÊMIA	28 - ESQUECIMENTO
13 - [SEM TÍTULO]	29 - LOUCURA
14 - NOITE DE CHUVA	30 - DEIXAI ENTRAR A MORTE
15 - TARDE DE MÚSICA	31 - À MORTE
16 - CHOPIN	

Previous | Home | Next

LaDerzi's Gallery © 2006-2007  
This site is designed for high speed internet access and a screen setting of 800x 600 pixels.



**“Florabela Espanca, A Vida e A alma de uma Poetisa”,  
de José Carlos Fernández Publicado a 14/05/2011 por CLP.**

**Apresentação a cargo da Dr<sup>a</sup> Fina D’Armada**

«Ecos longínquos de ondas... de universos...

Ecos de um mundo... de um distante Além,

De onde eu trouxe a magia dos meus versos!»

In Florabela Espanca, «Sou eu!» – Chameca em Flor

Nestas páginas, o leitor encontrará um retrato da vida e da alma da nossa maior poetisa portuguesa. As cartas, o seu Diário, os contos que ela escreveu, os acontecimentos que viveu, factos objectivos na teia do mundo, permitem-nos conhecer melhor esta inspirada artista da palavra, Florabela Espanca. E, ainda, penetrar no labirinto e no jardim encantado da suas íntimas vivências e imaginação: Claustro de Saudade e Beleza do qual nunca sairemos iguais a quando entramos. Pois Ela reina nele como puro símbolo e sacerdotisa do Eterno Feminino, nesse Amor inextinguível por tudo e todos, que converteu nas jóias alquímicas e transfiguradoras de seus poemas.

No prefácio que escreveu para este livro António Cândido Franco afirma:

“Talvez aquilo que mais parece de assinalar no trabalho que de seguida se lê seja mesmo o escrúpulo com que o autor procede no levantamento da vida que escreve. É um tal processo que nos permite afirmar que em nenhum momento este trabalho confunde biografia e romance, risco maior e para bem dizer inevitável para qualquer biógrafo.”

Apesar de muitos defenderem que “o centro de interesse do leitor de poesia é o texto a ler”, a verdade é que “é impossível ao estudioso fazer de conta que a obra que lê vive por si só, sem autor”. Foi este o objectivo do autor, que procura dar-nos um retrato fiel do que foi a vida desta grande poetisa e a influência que as suas venturas e desventuras tiveram na sua obra.

Através da leitura da sua correspondência com amigos, familiares, editores, escritores e outros destinatários, complementada com citações de poemas, contos e outros escritos de Florbela, o leitor constrói uma imagem muito real do que foi a sua vida, desde o nascimento até à morte, trágica e condenável para uns, lúcida e sublime para outros. O autor fez um enorme trabalho de recolha e selecção, digna dos maiores elogios.

Os textos de ligação são de uma grande elevação, escritos numa prosa poética, dignos de enquadrar a beleza dos poemas e textos de Florbela citados.”

Sobre o autor: José Carlos Fernández é escritor, investigador e Director da Nova Acrópole em Portugal, desde 2004. Tem colaborado em muitas revistas, mormente na Esfinge e Cuadernos de Cultura. Realizou os guiões para os documentários: La Córdoba Omeya y Romana, Simbolismo en la Pintura de Julio Romero de Torres e Simbolismo da Arte Tibetana.

Autor do livro Córdoba Eterna e do romance histórico A Viagem Iniciática de Hipátia, coordenador das edições Grécia Mágica, Atlântida: Mito ou Realidade, Os Templários e o Caminho de Santiago e Valores Eternos.

Lecciona cursos na Associação Cultural Nova Acrópole sobre Sabedoria Viva das Antigas Civilizações, História da Filosofia, Psicologia, Simbolismo da Arte, Oratória e Dialéctica.

Proferiu cerca de mil conferências sobre mais de uma centena de temas científicos, literários, artísticos e históricos – sempre no seu aspecto humanista – que são um testemunho de um labor incansável na demanda e divulgação dos pilares da cultura que são os pilares da alma humana. Reside, com a sua esposa, em Portugal desde 2004, e em Lisboa há cinco anos, onde dirige as revistas Acrópole e Conhece-te a ti mesmo.





[“Antologia poética”, de Cesário Verde e José Manuel Saraiva](#)

São verdadeiramente edições apaixonadas. E apaixonam quem as toca, vê, cheira e lê.

Antologias poéticas compõem a coleção Treze Luas, da Fatoria K de Livros, cuidada transferência do ideal ibérico multicultural da espanhola Kalandraka Editora.

- 1) **Fernando Pessoa** (volume ilustrado por Pedro Proença), em 11/2009,
- 2) **Bocage** (com ilustrações de André da Loba) e
- 3) **Florbela Espanca** (imagens de Joana Rêgo) em 12/2010

Laderzi's Gallery

FLORBELA ESPANCA

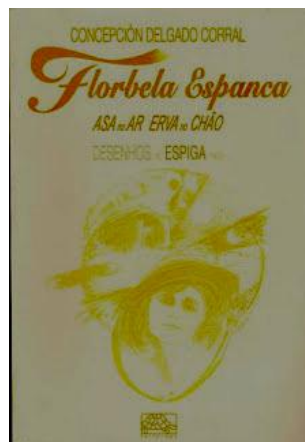
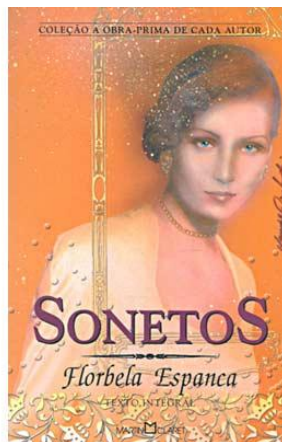
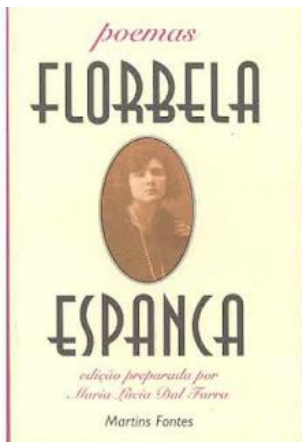
Clique nos 'thumbnails' para acessar as galerias de poemas

sageira das Violetas 'Chameca em Flor' 'Reliquiae' Álbum de Fotos

Da Capo | Home | Next

LaDerzi's Gallery\_Florbela Espanca @ 2006-2008  
This site is designed for high speed internet access and a screen setting of 800x 600 pixels.

[http://www.laderzi.com/florbelaespanca/florbela\\_intro.htm](http://www.laderzi.com/florbelaespanca/florbela_intro.htm)



**Pesquisa – Luiz Antonio Batista da Rocha**

**Membro da Academia Barretense de Cultura - ABC**

[rocha@outorga.com.br](mailto:rocha@outorga.com.br)

[www.outorga.com.br](http://www.outorga.com.br)